

ASSIGNATURAS
 ANNO..... 20\$000
 SEMESTRE... 12\$000
 Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

O caso de Matto Grosso.— O vencido de hontem e o vencedor de hoje.— A repercussão da tragedia. — O culpado dessa agitação.— As medidas preventivas da olygarchia do Ceará.

Quando escrevemos na ultima «Chronica» que o coronel Paes de Barros estava em máus lenções, não pudemos prever que, áquella hora, a misera victima da politica dos governadores se achava já embrulhada no sinistro lençol que lhe serviu de mortalha.

E' por todos os motivos lamentavel, mas não se póde contestar que foi logico o destino desse cidadão, que morreu no seu officio de caudilho, trucidado por essa «legião libertadora, filha legitima da legião Campos Salles», que elle commandára de victoria em victoria contra os partidarios do coronel Generoso Ponce.

Nessa truculenta tragedia de Matto Grosso, o facto dessa eliminação do obstaculo da lei pelas armas é um episodio que imprimiu profunda commoção no espirito publico. A tragedia continuará a desenrolar as suas scenas, cheias de lances pungentes, de surpresas atordoadoras, até que o panno caia sobre os destroços do ensanguentado scenario. Nessa tragedia as figuras proeminentes se teem revezado em campos oppostos, empunhando o facho da guerra, empregando as armas fratricidas, a violencia brutal para uma victoria sem idéaes, como desfescho de uma lucta pelo mesquinho interesse de uma olygarchia, uma lucta que se não inspira no amor á causa publica.

Essas olygarchias industriaes de dominadores, de exploradores do poder, se desaggregam, ás vezes, como corpos sem a consistencia da fidelidade, sem os vinculos das convicções, sem a fé dos intuitos patrioticos. Ellas se desmantelam em facções de inimigos rancorosos, saturados de odios implacaveis, incompativeis com os tolerancias, com as considerações humanitarias, com o amor á ordem, como sóe acontecer quando as desavenças são provocadas pela partilha dos proventos. E os irmãos, os amigos, os correligionarios se dividem em adversarios intransigentes, e se degladiam pelo poder absoluto, arbitrario, intransigente, cruel, como quem lucta pela comédia farta.

Hontem, o coronel Generoso Ponce era o vencido; hoje, é o vencedor; hontem, era batido, apeiado das altas posições; hoje, é acclamado como libertador por essa mesma «legião» que teve as costas esquentadas pelo sr. Campos Salles e agora

superou a reprovação do Governo Federal. Amanhã, quando o coronel Ponce, deslumbrado pela illusão, pelo prestigio ephemero da victoria, congregar em torno de si os seus leaes amigos, quando pretender reparar os danos de longos annos de ostracismo e curar as feridas, não cicatrizadas, da antiga derrota, a «legião» famosa, composta do elemento amorpho que infesta a nossa fronteira naquellas invias paragens, lhe embargará o passo, e a sombra do coronel Paes de Barros, corporizada em improvisado caudilho baterá, ávida de vingança, ás portas de Cuyabá.

Essa triste situação, quasi permanente, de agitação em Matto Grosso, onde a distancia preserva os revolucionarios da intervenção prompta, da acção efficaz do Governo Federal, é consequencia fatal da politica que entregou a sorte dos Estados a donatarios com aspirações á perpetuidade. Essa agitação, com o allivio de ligeiras remissões, constitúe um eloquente symptoma de deturpação, de desarranjo essencial do mechanismo politico, no qual estão estupidamente fechadas as valvulas da opinião, as valvulas do voto, cuja demasiada compressão póde determinar explosões devastadoras. E, por isso, a erupção, que estoirou em Matto Grosso, não deveria occasionar surpresas; antes, é para admirar que se não tenham manifestado em outros Estados, mais violentas, mais tremendas, na proporção da desenvoltura, do desbragamento dos governos locaes, repoltreados, impunemente, numa orgia de abusos intoleraveis.

Cerradas as valvulas do voto, como succedeu nos Estados onde se asphixiou cynicamente a representação das minorias, fechadas para os adversarios as portas da justiça, ameaçados os cidadãos na sua vida, na sua propriedade, nas manifestações do pensamento por meio de violencias inauditas perpetradas ás barbas do Governo Federal, não seria motivo de surpresa; seria, antes, acto de reacção legitima, uma reacção de brio, de dignidade restaurada, a rebeldia dos opprimidos contra o jugo aviltante de tão barbaros dominadores.

Occorre aqui lembrar que, em Matto Grosso, houve manifestação do voto; pelo menos, fingiram que houve: representantes da minoria na Camara e no Senado fôram reconhecidos; ao passo que, a respeito do Ceará, os legitimos diplomas dos deputados da opposição fôram abandalhadamente rasgados, sem resquicio de pudor, sem os mais rudimentares escrupulos, sem esse banal respeito á compostura das apparencias hypocritas.

Mas... sempre houve e ainda existem paladinos da revolução como um sagrado direito dos opprimidos; ha quem consagre o recurso á força como «ultima ratio» daquelles que não encontram meios tutelares dos direitos na área das garantias constitucionaes. Desse ponto de vista, ninguem poderia recuzar ao ludibriado povo cearense o direito de revolta no empenho de reivindicar a sua libertação do captivo accioly, de accordo com a gloriosa tradição de emancipadores de escravos, de filhos da Terra da Luz.

O caso de Matto Grosso repercutiu, como um prenuncio, nas orelhas timidas do olygarcha, como si o sopro calido da agitação sangrenta, atravessando os sertões immensos, fôsse perturbar a placidez do pantano em que vive. O satrapa despertou ao echo dos ultimos gemidos do coronel Paes de Barros, como si elle sentisse no endurecido couro a impressão das balas que perfuraram o da misera victima da politica dos governadores. Dizem os telegrammas que no Ceará já se cogita da criação de mais um batalhão de policia, e, no dia 12, anniversario da sua posse, o governador recebeu as continencias do «Batalhão Accioly».

Descanse o olygarcha. Um partido que tem soffrido com hombridade longos annos de oppressão, tem o direito de se revoltar, de recorrer ás armas, porque esse direito não é apanagio dos cidadãos de Matto Grosso. Das campinas verdejantes poderão surgir legiões estupendas; instrumentos da reivindicação poderão rolar das montanhas como trombas libertadoras, invenciveis; mas essa gente cheia de hombridade, de valor para supportar a oppressão, não recorrerá jámais á eliminação summaria.

De resto, esse barbaro processo é impraticavel no Ceará, onde seria preciso perpetrar uma hecatombe, passar pelas armas as gerações de pimpolhos, até eradicar o ultimo rebento da dynastia nefasta, resistente ao ferro, ao fogo, uma especie de capim de burro a grelar recalcitrante, tenaz, implacavel na terra combusta, asphyxiando-lhe nas entranhas uberes a semente do bem.

* * *

O Governo é culpado, por omissão, dessa victoriosa agitação de longa data preparada, sem cautelas, sem rebuços.

O Governo tinha, havia seis mezes, perfeito conhecimento, pelos reiterados avisos do consul do Brazil no Paraguay, de que se estavam aparelhando os «habitués» desse genero de «sport» politico. No ministerio da Fazenda, existem copiosos documentos accusando descommunal importação de armas e munições pela alfandega de Curumbá. O proprio ministro da Fazenda consentiu que essas suppostas mercadorias, detidas por justa suspeita, fôsem, aos poucos, para não attraírem a attenção, entregues aos seus importadores. O Governo dispunha de uma guarnição de 400 homens ás ordens da coronel Fontoura; sabia, finalmente, que um official superior do Exercito estava de mãos dadas com os revolucionarios, sinão incumbido de apparelhar a aggressão.

Nestas condições, de notoriedade incontestavel, não ha desculpa para a ausencia de providencias preventivas dessa catastrophe em que o prestigio do Governo foi, afinal, envolvido, sinão rudemente abalado, pela deliberação da Camara, recuzando-lhe peremptoriamente as medidas excepçionaes urgentemente pedidas.

A Camara consagrou a revolução declinando da sua intervenção e remettendo o caso para a justiça federal,

A impressão da tragedia foi assim amenisada com a farça final, para que os espectadores não regressem aos lares com os olhos razos de lagrimas e sentindo cheiro de sangue quente.

E sirva isso de lição para demonstrar o perigo de dar aos satrapas o que elles pedem por bocca — guarda nacional, functionalismo federal nos correios, nas delegacias fiscaes, e juizes federaes !...

Imagem os nossos attonitos leitores o que será o processo dos revolucionarios, organizado e julgado por um «Studart» de Matto Grosso...

E viva a revolução! Abaixo os tyrannos !...

Que deliciosa comedia está desandando dessa democracia feita pela politica dos governadores !..

POJUCAN.

A NOSSA SITUAÇÃO MILITAR

Os projectos militares de breve apresentação na Camara dos Deputados. — Reforma nas escolas militares. — A pessima situação dos officiaessubalternos — Os corpos de exercito. — A sorte dos officiaes inferiores. — Promoções sem curso. — O inferior de carreira.

Proseguindo na ligeira analyse enetada no artigo anterior (n. 88, anno III, dos *Annaes*), vamos tratar do artigo :

6º — Supprimir as escolas militares existentes e adoptar uma escola theorica com secção para cada curso e estabelecer uma escola pratica geral para complemento de todos os cursos militares, instrucção e aperfeiçoamento da instrucção das praças e officiaes.

O eusino militar, como tambem o civil, muito se tem resentido, após a proclamação da Republica, da facilidade com que de um anno para outro se tem alterado os regulamentos, ás

mais das vezes sem que a pratica provasse por completo a sua imprestabilidade.

A principio, as modificações tenderam sempre para as ampliações de character theorico, abandonando-se, a cada novo regulamento, mais um pouco da materia pratica, indispensavel complemento dos conhecimentos adquiridos nos cursos theoricos.

O abuso do *bacharelismo* deu, como era logico esperar, resultados total-

mente oppostos ás necessidades reaes da instrucção militar.

A reacção contra esse desregramento do ensino militar explodiu naturalmente, não havendo uma só opinião sensata que não reclamasse o correctivo adequado, em beneficio do seu aspecto pratico; e sob esse intuito se elaborou o novo regulamento das escolas do Exercito, actualmente em vigor.

Cumprе confessar que por pouco não chegamos ao exaggero opposto da abolição completa da parte theorica do ensino, apesar de se affigurarem muito menos nocivos os inconvenientes resultantes.

A nova refórma mal iniciou o seu exercicio; ainda não se pôdem affirmar as suas boas ou más consequencias, nem tão pouco parece razoavel condemnal-a desde já.

O que presentemente se impõe como medida de alto alcance e de oportunidade indiscutivel — é a suspensão immediata das matriculas de praças de pret, até se estabelecer o equilibrio no quadro dos officiaes do primeiro posto e appareça então a necessidade do preenchimento das vagas que realmente ali se derem.

Isto não constitúe certamente nenhuma novidade: nos paizes de exercitos bem organizados assim se pratica; entre nós, na Escola Naval, já se obedece, em parte, a esse criterio.

Accresce a essas considerações que o excesso de officiaes existente no primeiro posto, excesso que só muito lentamente váe desaparecendo por motivo da confirmação dos alferes-alunos e da promoção de aspirantes a officiaes, não permittirá por longo tempo ajuda acabar, ou, ao menos, attenuar a situação deploravel dos officiaes antigos ali collocados, os quaes já se vêem ameaçados da inevitavel compulsoria nessa posição subalterna.

Que lucrarão o Exercito e a Nação com a existencia de semelhantes officiaes, sem o menor estimulo, sem fé no futuro, sem incitamento de especie alguma, que faça entregarem-se á sua profissão com o amor e dedicação a que ella tem direito?

Como se exigir desses subalternos, na maioria officiaes antigos, trazendo doze longos annos de serviços e a espe-

rança pouco animadora de guardarem outros tantos para galgar o segundo posto — como exigir, repitimos, que tal gente se entregue de corpo e alma ao serviço extenuante da fileira, si a unica recompensa que se lhes depara é a foiçada tetrica de uma compulsoria, attestado official da sua incapacidade physica, antes de attingir o terceiro posto após uma estagnação de trinta annos?

Precizamos nos compenetrar de que as escolas militares são exclusivamente instituidas para a formação de officiaes com destino ao Exercito; não pôdem ter um numero illimitado de alumnos, porque esse numero depende, e sómente, da necessidade do preenchimento do quadro; e desde que existe um excesso consideravel de officiaes; desde que nestes dez annos proximos, pelo menos, não precisamos formar novos — o melhor alvitre, o mais consentaneo com a boa razão, é prohibir terminantemente a matricula de praças de pret; conservando-se as escolas abertas apenas para os poucos que ainda ambicionam o curso de sua arma ou algum dos cursos especiaes.

8º. — «Determinar que o Quarto Districto tenha organização de corpo de exercito, provido de todos os elementos, etc.»

Ora, seria desejavel, mais de accordo com as exigencias da guerra e para maior efficacia e promptidão do aparelhamento militar, que não só o quarto, mas os demais districtos tivessem aquella organização. Na impossibilidade, porém, de proceder dessa fórma, por motivos de ordem financeira ou outros quaesquer, seria indubitavelmente o quarto districto um dos ultimos a se contemplar. Pela sua qualidade de guarnição da capital do paiz, centro da acção do Governo e de todos os recursos, é a sua força a ultima a marchar para attender a qualquer aggressão exterior, salvo no caso particular das operações iniciarem-se por ataque directo á Capital.

E, como em preparativos de guerra futura, manda a mais elementar providencia attender principalmente á zona de acção mais provavel do inimigo, segue-se que para esse ponto devem voltar de preferencia os nossos cuidados, accumulando todos os meios

indispensaveis a acudir a qualquer eventualidade.

Só com o intuito impensado de méra ostentação se fundamentaria deliberação contraria, pois as razões de ordem militar, da defeza racional, indicam as guarnições fronteiriças como as primeiras a se apparelharem para a sua prompta entrada em acção.

O art. 12º, que se occupa da melhoria das condições dos officiaes inferiores, é, entre todos, o mais desarrazoado.

Si pela nossa lei de preenchimento das vagas do primeiro posto fôram completamente abolidas as promoções sem curso, e si pela natureza da guerra moderna é considerado imprescindivel para o bom desempenho dos encargos do official, esse preparo fundamental, como se comprehender que retrogrademos com a criação de uma classe de officiaes trazendo desde o nascedouro o attestado da sua ignorancia.

Em exercito algum do mundo se vê essa fugida e constante jeremiada pela sorte dos seus officiaes inferiores.

Si ha o intuito, aliás muito louvavel, de minorar a pessima situação em que se acha collocada essa classe, nada mais facil do que tratar de melhora-la, dando-lhe todas as regalias a que tem direito, sem excessos descabidos; estabelecendo-se, finalmente, o inferior *de carreira*, com o que se satisfará a todas as circumstancias requeridas.

Parece incrivel que, após uma lucta de tantos annos contra a promoção de sujeitos ignorantes, lucta que ao presente se considerava victoriosa, se queira, sem bases plausiveis, retroceder aos processos archaicos e imperfeitissimos dos tempos antigos em que a guerra era apenas um acto brutal, com o predominio exclusivo da força physica e sem a minima participação da intelligencia.

Os demais arts., apesar de se occuparem alguns com providencias dignas de applauso, não constitúem, no entretanto, assumpto de tanta importancia que mereçam inclusão em um plano geral de reorganização, tal a particularidade dos seus fins; encontrariam melhor acolhimento após a solução do principal, do arcabouço geral. Semelhantes enxertos só servem para desviar a attenção dos assumptos capitaes, transformando em

uma verdadeira colcha de retalhos mal emendados.

Praza aos céos e a todos os santos que lá se abrigam que o Congresso seja surdo a essas machinações machavelicas de meia duzia de individuos irrequietos, e cumpra o seu dever patriótico de dotar o Exercito Nacional de uma organização na altura dos progressos actuaes, sem outro intento sinão o de servir a Patria.

TENENTE MAX.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A cultura da planta humana—Doutrina eugenesica de Galton e Vacher de Lapougue—Como se deve crear o menino.

Galton, Vacher de Lapougue, representante convicto da doutrina eugenesica, procuraram verificar si a especie humana, como os vegetaes, era susceptivel de uma cultura systematica, ou si era possivel, de maneira regular e segura, por processos analogos aos empregados na producção horticola, crear seres humanos physicamente mais perfeitos do que os actuaes.

Luther Burbank, notavel pelas curiosas experiencias de agricultura pomologica, adicionou uma importante áquellas theorias.

No correr de suas observações sobre a vida da planta, foi impressionado com evidentes analogias entre o organisino vegetal e o humano e os seus modos de desenvolvimento. Na planta como no homem, o crescimento representa um papel preponderante, que deve ser secundado pela rigorosa selecção e vigiado com paciencia e cuidado. Partindo dessas premissas, baseando-se em provas fornecidas pela raça americana, producto de mais cruzamentos do que qualquer outra e apresentando a melhor complexidade das diversas qualidades ethnicas, Burbank traça um programma completo da cultura da planta humana.

Começa elle exigindo que o menino seja creado até dez annos fóra de toda a influencia escolar, sómente em contacto com a natureza, de maneira que elle cresça physicamente e seus membros adquiram todo o vigor de que sejam susceptiveis, fornecendo-se-lhe, como se procede com o vegetal, luz, ar, alimentação em condições apropriadas á sua constituição, considerando o coeficiente da hereditariedade, mas empregando todo o esforço com inexgottavel paciencia para fazer das suas aptidões pessoas os proprios elementos de sua cultura, que se não adquirirá completamente no mesmo

individuo, mas em varias gerações. E' o que acontece com as plautas, cuja cultura, para crear especies perfeitas, depende de um grande numero de cruzamentos e selecções.

Burbank está persuadido de que uma dezena de gerações da vida humana será bastante para transformar o menino anormal em um sêr absolutamente perfeito, cuja estrutura physica respondesse a todas as exigencias do desenvolvimento completo physico.

O eugenista americano não fala da cultura mental, cujo problema não aborda. Reconhece-lhe as difficuldades e, afirmando que a humanidade ganharia, talvez muito, com a eliminação dos meninos idiotas incuraveis, assim como os vegetaes apróveitam com a suppressão das plantas incontestavelmente damninhas; mas não leva a sua theoria da cultura humana até taes extremos: espera sómente que a cultura physica, com a selecção sabiamente praticada, acabará por fazer desaparecer as táras intellectuaes.

A essas suggestões faltam sómente experiencias e não se comprehende bem como poderão ser realisadas, sendo, todavia, interessante notar essas preoccupações da biologia, cujos dominios augmentam progressivamente.

* *

Falsas appendicites — Contestação e defeza do professor Dieulafoy — Réplica aos argumentos dos cirurgiões.

Na sessão de 19 de junho de ultimo da Academia de Medecina, de Paris, o professor Dieulafoy replicou brilhantemente aos cirurgiões que lhe contestaram as falsas appendicites, de que já demos noticia, (Vide os *Annaes*, uum. 87, anno III.) com a auctoridade e precisão característica do seu grande talento de palavra.

Ardente campeão da intervenção cirurgica nas appendicites verdadeiras, elle julgou um dever revoltar-se contra os erros de diagnostico, absolvidos pelos exames histologicos, e não liga importancia ao que se denomina appendicite histologica, falsa appendicite, clinicamente sem existencia.

A contestação baseou-se nas relações entre a typhocolite e a appendicite, apresentando uma collecção de excepções demonstrando a concurrencia simultanea das duas affecções, série que o proprio Dieulafoy acrescenta com dois casos. Do lado contrario, é verdade que se poderiam indicar centenas de doentes atacados de typhocolite mucro-membranosa ou arenosa, tratados durante annos, sem jámais padecerem de appendicite. Os cirurgiões não conhecem esses innumeraveis doentes; estão mal collo-

cados para julgar a questão, sómente a consideram pelo aspecto cirurgico; o lado medico lhes escapa completamente.

A estatistica do celebre professor Potain accuza 103 doentes de typhocolite, os quaes nunca tiveram appendicite. A esta estatistica antiga Dieulafoy ajunta 200 casos por elle observados com resultados identicos para demonstrar que a concurrencia das duas molestias ou uma consequencia da outra são casos muito raros.

Respondendo particularmente a Reclus, disse Dieulafoy que esse eminente collega lamentou que se tornasse publica essa questão, como si fôsse necessario ou conveniente discutir em segredo essa molestia que tanto inquieta a opinião publica, a principal interessada no debate, para com a sua logica inflexivel saber dirigir-se. Ao lado desse publico dos felizes da terra que dispõem de meios para se cercarem de conselhos medicos e não se entregarem ás empezas dos cirurgiões demasiado aggressivos, existem doentes dos hospitaes, homens e mulheres, vivendo do trabalho penoso, os quaes nenhum recurso teem contra os erros de diagnostico, expostos ás operações abdominaes inuteis.

Dieulafoy apresenta diversos casos desses erros de diagnostico, aggravados por erros operatorios, dos quaes teve conhecimento depois de sua comunicação sobre o assumpto.

Precizando os seus argumentos, o illustre professor pergunta aos cirurgiões quaes os symptomas que os auctorizam a operar uma appendicite microscopica? E' impossivel diagnosticar o que não existe. E apoiou as suas afirmações no testemunho de cirurgiões dos hospitaes, Achard e Hartmann.

Concluiu Dieulafoy citando as palavras de Le Dentu: O grito de alarma cheio de franqueza e bem intencionado, terá o resultado de nos tornar mais rigorosos no exame dos signaes diagnosticos e das indicações operatorias.

A discussão dessa importante questão foi adiada a pedido de Reclus. Daremos, em tempo, aos nossos leitores os interessantes resultados desse debate scientifico.

* *

Hereditariedade da lepra — Opinião do dr. Hirschfeld — A cura pela so-rotherapia — Leprolina do dr. Rost.

O dr. Hirschfeld, director do hospital de leprosos do Grand-Chatillon, estabelecido na Guyanna hollandeza, no alto Surinam, a tres horas de navegação do Paramaribo, afirma que a lepra não é hereditaria.

Recentes observações, feitas num hospital, demonstraram que essa molestia, que nada tem de commum com a syphilis, é contagiosa e transmissível pelo contacto directo, encontrando nas predisposições uma base especial para a infecção, como acontece com a tuberculose. Ella attinge, principalmente, indigentes, que pôdem commul-a aos ricos, e é causada, ua maior parte dos casos, pela falta de asseio.

Não se conhece caso de cura radical dessa molestia, sendo de esperar que a sorotherapia seja capaz desse milagre.

Um medico inglez, o dr. Rost, preparou uma leprolina, que está sendo experimentada em Grand-Chatillon com alguns resultados.

A LIVRARIA

«HISTORIAS DO MEU CASAL», LIVRO DE VERSOS DE MARIO PEDERNEIRAS. RIO DE JANEIRO.—COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL. — 1906.

E' curiosa a feição offerecida por esta collectanea de versos que ora nos dá o sr. Mario Pederneiras sob esse titulo simples de *Historias do meu casal*.

Não se trata de um livro que possa proporcionar ao poeta a gloria de abrir novos horisontes ao nosso verso, quer por originalidade verdadeiramente propria, quer por influencia de idéas ou processos recentes em qualquer auctor estrangeiro, mas ainda não transportados á nossa poesia.

Não nos pôde escapar que o auctor procede directamente dessa geração chamada dos symbolistas e decadentes, ainda hontem na brécha, com um ardor em que havia qualquer coisa de fauatico, e já hoje eu franca retirada, seria melhor dizer numa debandada completa, phenomeno estranho por isso que essa gente não deixa na realidade successores.

A brochura, distendida em elegante quadrilongo, e a roxa côr symbolica da capa, mais a allegoria da scismadora cegonha que poiza pernalta sob o titulo, são signaes exteriores, mas completamente característicos da escola.

Abra-se o livro e leiam-se os primeiros versos. O soneto inicial é de feição ainda indecisa. Offerece-nos um singelo chromo, que faz lembrar, por exemplo, os que se acham na feição primitiva, entre romantica e naturalista, tão sympathica e simples, de B. Lopes. Da segunda composição em deante, porém, as «manhãs bizarras», «a alegria das Lavouras» (com *L grande*), os «Céos escampos», «as alme-naras, os brazões e os fossos», quanto encontramos em cada folha, no que respeita ás imagens e ao vocabulario,

confirma o que as exterioridades da brochura nos estavam indicando.

Penetre-se mais a fundo e se ha de ver: o systema de idéas que aqui se encontram é tambem legitimamente o da escola, dando-lhe a sua coloração característica um néo-christianismo que por ser vago não deixa de ter feição propria e de exercer uma irradiante influencia na imaginativa e mesmo na acção do poeta, de modo até singularmente logico e harmonico.

Concorre para nos dar um sentimento ainda mais nitido da simplicidade e naturalidade que pautam, em tão sympathica coherencia, a vida do auctor (pelo que sua obra della nos pôde falar) até a poetica que o sr. Mario Pederneiras adoptou, tendo-se despreocupado do que tecnicamente chamamos a estrophação e da regularidade da rima. Seus versos são feitos com tão artistica asymetria, — obedecendo ainda nesse ponto á esthetica dos symbolistas, — vêem tão ao capricho, aparentemente, das imagens que lhe brotam da penna, que muitas vezes não hão de parecer versos aos ouvidos affeitos á melopéa, sempre mais ou menos monotona, da indefectivel regularidade metrica.

Não ha fugir: já havia uma classificação para o poeta antes d'elle nos dar este seu volume: o sr. Mario Pederneiras é um symbolista perfeitamente normal.

Mas é justamente a sua normalidade, já applicado, porém, o vocabulo numa outra intenção, que o differencia e constitúe o que haja nelle de original, como ha.

Poetas symbolistas, e de valor, já os tinhamos nós; mas um, cujo valor provenha do equilibrio por que sua natureza se caracterize e dahi pela sobriedade do seu pensamento, mais a naturalidade, a simplicidade do seu gesto, — de onde resulta uma attitude nova, uma feição inédita, um modo de ser particular, — esse só agóra o temos, no auctor das *Historias do meu Casal*.

O sr. Mario Pederneiras aproveitou todas as qualidades dos seus predecesores, principalmente na nossa lingua, tendo a vantagem de escoimar sua obra de quasi todos os defeitos que com razão se lhes apontam.

Não ha, nestas paginas da collectanea que estamos estudando, quasi nenhum dos elementos irritantes que puzeram em discussão permanente os poetas maiores da escola entre nós e em Portugal, e a esteira phosphorescente dos satellites ponderaveis ou insignificantes arrastados por elles na sua marcha.

Antes de tudo, um dos característicos desses typos representativos é a imaginação desregrada até á extravagancia, até ao absurdo, que a uns

impulsionou, ou então a morbida deliquescencia, mesmo o nitido desvio psychico de que outros deram prova nas plangencias de hospital, sinão de manicomio, que, ao menos, bôa parte de suas obras representa.

Nem podia ser de outro modo. O symbolismo representa uma solução de continuidade violentissima entre duas tendencias humanas, a realistica e a idéalista. Pretendeu crear um hiato entre duas gerações que se succediam immediatamente, tendo nascido da influencia negativa ou antipathica da anterior sobre a sua successora, da repulsa que o materialismo dos naturalistas provocou em uma duzia de naturezas souhadoras. Isso com o exaggero provindo da falta de perspectiva, que permittiria a estes ultimos abranger o phenomeno em massa e fazer-lhe melhor justiça, ou então ao menos verificar o absurdo das pretensões que traziam, a fatalidade com que tinham de ser esmagados por força daquella lei que não permite saltos arbitrarios, no terreno das idéas como em terreno nenhum.

Seja como fôr, eram naturezas irregulares, com força de impulsão excessiva, ou então deficiente, excesso ou deficiencia que tinha de transparecer nas suas obras, no seu gesto, na sua attitude.

O sr. Mario Pederneiras representa o symbolismo, si não desilludido, pelo menos experimentado, e por isso atenuado, adaptado, acceitavel.

Veja-se como são castas estas paginas do seu lindo livro. Conforme o titulo da obra indica, trata-se aqui da poesia do lar. O poeta não nos fala de outro mundo sinão desse que a familia representa, e fala na sua triplice qualidade de filho, de marido e de pae. Por outra, refere-se a todas as coisas da vida, mas subordinando não importa que assumpto a esse thema intimo e affectivo da casa.

Sente-se que não é apenas por uma questão de dar unidade á especie de poema que a sua *plaque* representa: essa é que é a preocupação dominante na sua poesia, nisso é que consiste a gloria d'elle na vida, por este lado é que sua vida é na verdade interessante, sendo o lado que ella offerece mais idéalmente real.

Não sei quem não saia na verdade emocionado ao terminar a leitura das *Historias do meu Casal*. Sympathizase de modo tão legitimo com o sentimento de felicidade e de paz que nos vem da primeira parte, *No valle da Ventura*, ama-se tão carinhosamente a natureza bem dotada e escolhida deste moço, que tem a bôa força de se fazer feliz entre os elementos simples e sãoes que um lar pacifico na sua obscuridade offerece, quanto depois, *No Pais da Saudade*, que é a segunda

parte do livro, compartilha-se das suas amáras provações, no reverso tristemente natural das coisas, mas antes de tudo porque elle expõe esse reverso com uma simplicidade fundamentalmente suggestiva, numa correspondencia perfeita, e na verdade de bom gosto, com a modestia, com a medida que soubera manter ao entreter-nos com o sorrir encantador dos olhos de seus filhos e a embebida contemplação do seu carinhoso espirito de pae.

Do conjuncto dessas aprimoradas paginas transpira um sentimento religioso, mesmo definitivamente christão, que, no emtanto, nada tem das ladainhas cabotinas, dos *blom! blom!*, dos *miserere*, por troça ou por moda, que andaram fazendo a caricatura rimada da liturgia catholica nas paginas insôssas de nephelibatas sem valor, ou nas de poetas de merito, mas faltos ora de sinceridade, ora de gosto. O sentimento religioso que aqui se encontra é simples e sério, desses que despertam com a educação do berço e que a familia é tão apta a manter.

Para chegar a isto faz-se mister ser na verdade uma natureza equilibrada, de um homem que se possa chamar devidamente normal, que, embora dotado de esthesia legitima, não traga os excessos característicos dos typos vindos para os escandalosos destaques dos primeiros papeis, não importa em que dominio da arte ou de outra manifestação humana.

Puz em relevo no começo uma das provas mais patentes da procedencia do poeta no que respeita a escolas: a metrica, a rima e o arranjo geral a que os seus versos obedecem. Ainda vamos encontrar, no emtanto, um modo de ser proprio nas suas composições mesmo relativamente a este assumpto, coisa que é mais uma prova do seu tacto artistico e uma das razões principaes por que não haverá ninguém, de certo, a quem repugne acceitar sua poesia, por mais ferrenho e retardatario que seja.

O sr. Mario Pederneiras faz o verso asymetrico, mas não o verso livre propriamente dito, como já um critico por equivoco affirmou. Seus metros tem de uma a doze syllabas, mas nenhum ha que passe dahi, quando justamente o verso livre é aquelle em que o numero de syllabas não importa, que póde ter uma, como póde ter vinte, até onde dér o papel. Para exemplos, em portuguez, assim de momento, lembra-me dos que ha no poema *Patria*, de Guerra Junqueiro, dos d'*O Cavalleiro do Luar* do sr. Gustavo Santiago, e de umas muito merecidamente malsinadas tentativas que «o meu melhor amigo» andou fazendo por ahi ha algum tempo. Em francez, encontraremos Maeterlinck, Verhaeren, Gustave Kann e mais dez ou

vinte outros que nos demos ao trabalho de procurar.

Uma das coisas que os symbolistas entusiastas do verso livre, (que nem todos o fôram), pretendiam evitar com o seu uso, era o cantante dos rythmos previstos, de um effeito demasiadamente material, no parecer delles, por conseguinfe contrario ás intenções altamente espirituaes que a gente da escola trazia.

Não haverá versos de um rythmo mais sensível, e que sejam mais cantantes, mais embaladores, mais versos emfim, do que estes irregulares na rima e no metro, como sejam, das *Historias do meu casal*.

Concorre ainda mais para essa impressão que delles nos vem a indole essencialmente objectivista do auctor, cujos assumptos são todos objectos concretos ou ao menos concretisados por symbolisação, pelo menos neste livro, como são physicas na sua maior parte as imagens a que recorre, entre essas as mais lindas, as mais raras que se lhe pódem notar.

Bastante haveria a dizer do estylo em geral e particularmente da linguagem do poeta.

Sente-se que esse estylo foi influenciado pelo dos seus predecessores na escola, principalmente os brazileiros; a linguagem tambem em bôa parte é herdada delles. Mas o primeiro é muito contido, muito educado, apesar disso, e sem comparação menos extravagante do que o dessa gente anterior, exceptuadas umas poucas imagens, que eu não acho felizes. Quanto á lingua, essa é muito mais correcta e escoreita nas paginas deste novo poeta, de uma adjectivação muito menos arbitraria, do ponto de vista da lidima significação do vocabulo, embora uma vez ou outra incruste desnecessarios francezismos, ainda em obediencia a uns méros preconceitos na esthetica dos symbolistas nacionaes.

Si esta collectanea não obtiver o successo das obras que sobre bôas são characteristics, dever-se-á tirar dahi mais uma prova da nulla preocupação da epocha por coisas na verdade litterarias.

Direi por fim: é claro que aqui eu não defendo uma causa, mas penso assignalar um phenomeno.

Para o mundo do espirito seria preferivel que o sr. Mario Pederneiras fôsse um grande poeta a ser o que devidamente se chame um homem normal. Apráz em todo caso ver-se que o facto de um escriptor não ser do numero dos chamados irregulares, em vez de annullal-o ou ao menos de ser o indicio de uma natureza commum, tenha sido aqui causa entre as principaes de se haver formado uma indi-

vidualidade, que, com representar caracteristicamente a de um epigono, nem por isso deixa de corresponder a um verdadeiro temperamento de poeta e de assignalar um nome que, já agóra, ha de ter uma collocação sua na historia das nossas lettras.

NUNES VIDAL.

APANHADOS

A questão dos negros Na *Fortnightly Review*, de Londres, o sr. W. F. Bailey estuda a questão dos negros e accentúa que a solução do problema se impõe á civilisação, porém traz consigo as maiores difficuldades. Tomando posição, ella não faz sinão impedir e póde-se temer a explosão dum selvagem conflicto de raças até o dia em que surgir um homem poderoso e capaz, um chefe negro, que, graças a um movimento politico e social, libertará os seus companheiros de infortunios. Esse homem corajoso irá retirar da servidão todos os negros que ainda obedecem, como escravos, aos brancos auctoritarios. Assim termina o seu vehemente artigo o sr. Bailey.

* *

Uma obra sobre Jesus O celebre prof. Bousset, de Gottingen, publica actualmente uma obra intitulada *Jesus*, popular pelo preço e pela fórma. Elle resume nesse livro a substancia das opiniões da critica actual a respeito do fundador do christianismo. A parte mais interessante do trabalho é a que trata dos milagres; os Evangelhos tem ahi uma grande importancia. Jesus tinha uma profunda piedade pelos soffrimentos humanos, apesar de não ser um reformador social. Elle curava, era um medico que se servia de um poder extraordinario que exercia sobre as almas para livrar os homens dos seus males. Todos esses milagres pódem ser explicados psychologicamente. Pensa assim o prof. Bousset.

* *

O theatro de Perez Galdós O sr. Martineuche, na *Revue des Deux Mondes*, fala desse grande dramaturgo, dizendo que, si a sua obra foi a dum escriptor de partido, pelo menos não se apresentava duma maneira estreita. Galdós, ao principio, foi romancista; os *Episodios Nacionaes* comprehendem tres séries de dez tomos cada uma, já publicadas, e uma quarta, que ainda está em via de pu-

blicação. E' um quadro da historia da Hespanha desde Trafalgar até á revolução de 1868. Encontra-se a influencia de Erckmann-Chatrian nas suas narrativas, onde o amor não apparece quasi, mas que estão cheias de patriotismo e de politica. Nesse longo inquerito de psychologia social, Galdós observa que a Hespanha soffre duma doença da vontade. Elle apresentou no theatro o remedio que a devia curar. Si elle inspirou o odio da intolerancia, a falta não é nem delle nem da religião catholica, mas do estado de espirito dessa parte do clero hespanhol. *Electra* não é a peça terrivelmente anti-clerical que se pensa. Estando tudo verdadeiramente nacional, Perez Galdós procura fazer penetrar na scena do seu paiz os sentimentos e as idéas da Europa de hoje.

* *

Os mahometanos na Palestina Os mahometanos, que fórman a fracção dominante da população na Palestina, estão em Jerusalém em numero inferior: não existem sinão 6.000, que possuem quatro escolas, sómente, sendo uma secundaria e tres primarias. Os 1.200 alumnos da primeira aprendem o Alcorão, em arabe, o turco, o francez, as mathematicas, a geographia e a historia. Uma das escolas primarias recebe 350 raparigas; ahí tambem o estudo do Alcorão fórma a base da educação.

* *

Vidros amarellos Os vidros amarellos, ligeiramente alaranjados, protegem melhor os olhos sensíveis que os outros vidros de côr, porque produzem a suppressão dos raios chímicos ao mesmo tempo que fazem um effeito muito calmo sobre a retina. Esta observação resulta das pesquisas feitas pelo sr. Motais, de Angers, e fôram communicados á Academia de Sciencias de Paris.

* *

Um livro sobre o Japão Foi publicado, na Hespanha, um trabalho muito interessante sobre o Japão, *A alma japonesa*, do sr. Gomez Carrillo. Esse livro vem com muita actualidade ainda. O Japão é admirado mas ainda está muito desconhecido. Nessa obra, ha descripções e narrativas admiráveis, como as de Pierre Loti — um pouco mais verídicas — e de tantos outros viajantes que não fazem sinão

falsificar o bello paiz do *mikado*: a poesia e a belleza dos periodos não estão sempre de accordo com a verdade.

O volume do sr. Carrillo tem o merito de estar bem escripto e bem pensado; o auctor estudou o paiz no proprio paiz e de lá nos trouxe sensações perfectas, exactas. Depois de ter lido o livro, comprehende-se que no Japão as paizagens são mais poemas que quadros. A atmospheria de açafrão e de perolas que envolve os habitantes do Imperio do Sol Nascente na paz da tarde, entre as grandes arvores tranquillias, é um sonho de poeta realisado. As mulheres que, ao longe, passam fluctuando os kimonos leves, parecem creaturas irreaes. Os titulos de alguns capitulos, a *Dansa sagrada*, *Contadores de historia*, *O orgulho do samurai*, a *Miseria*, o *Culto da espada*, os *Tres apostolos da alma moderna*, *Palavras depois da guerra*, etc., mostram o interesse variado do livro.

* *

O romance no socialismo Na lucta das classes, nenhum partido ignora, o valor do romance como meio de propaganda. Ha pouco tempo, appareceu um livro, o *Imperio vermelho*, onde o socialismo era caricaturado por um millionario americano. Hoje, os argumentos do socialismo são apresentados por Upton Sinclair numa obra extraordinaria, *Jungle*, reprodução da vida nos estaleiros de Chicago. Esse grande romance provocou da parte do governo da cidade um inquerito a respeito.

* *

Um drama celebre Thomas Hardy publicou, ha dois annos, *Dynasts*, drama destinado a ser lido e não a ser representado. O heródesse drama exquisito era Napoleão I. A segunda parte da peça acaba de apparecer ultimamente; o auctor nos leva da morte de Pitt a Albufera. Ante os nossos olhos, se desenrolam as batalhas de Iena, de Auerstadt, a entrevista dos imperadores em Tilssit, Wagram, o divorcio de Napoleão, o seu casamento com Maria Luiza, etc. São quadros grandiosos, estudados largamente por um temperamento verdadeiramente poetico. Mas o valor do estylo e de vistas philosophicas, que seriam necessarios num livro como

este, faltam por completo. Um conceito pessimista da personalidade de Napoleão é admissivel, mas o pessimismo de Thomas Hardy é levado ao extremo.

* *

Uma opera belga Teve um grande successo em Bruxellas, *A morte de Tintagiles*, poema do sr. Ch. Löffler, tirado do drama de Mæterlinck. E' uma obra de inspiração muito pessoal, ardente e apaixonada, na qual o compositor soube conservar muito bem, com bastante naturalidade, o aspecto geral da peça de Mæterlinck.

* *

Exposição de arte As 1.300 pinturas, desenhos, pasteis e miniaturas reunidas na Bibliotheca Nacional de Paris, dão um curioso resumo da arte no seculo XVIII. O que faz o valor de semelhante exposição é que o grande numero de obras expostas pertencem a collecções particulares. Salientam-se, entre outras, as meias-tintas inglezas, inestimaveis, custando uma dellas, um bellissimo retrato feito por Watson, a pequena quantia de 18.000 francos. Tambem são dignas de nota as miniaturas, principalmente as de Boucher, de Rosalba-Carriera e do grande pintor sueco Hall, resuscitando essas ultimas toda a sociedade do primeiro imperio da França.

* *

Um diplomata francez nas exequias do papa negro Alguns jornaes francezes transcrevem o topico de uma folha uruguayana, commentando a presença do sr. Bruwaert, na qualidade de representante da França, ás exequias do padre Martin, o famoso papa negro, ha pouco fallecido. O *Diario de Montevideo* mostrara que os «diplomatas da nação franceza, emquanto os poderes publicos e a sociedade luctam contra a obra nefasta do obscurantismo clerical, fóra da patria são os eternos conspiradores, destruindo as conquistas politicas, sociaes e moraes da Grande Revolução.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

VERSOS

Nos paizes de vasta cultura intellectual, a publicação dum livro é facto ordinario, que todos se habituam a ver; apreciam, applaudem ou criticam.

Consideram o apparecimento da nova obra um signal que indica o desenvolvimento da vida social. Recebem-na como mais uma parcella para avolumar o cabedal de idéas, que fórma o thesouro do espirito.

Todos laboram pela perfeição humana e esta não se realizará sem a cultura intellectual.

Um livro não exprime, sómente, o que o auctor pensou no recolhimento de pacientes meditações; nos renascentes soliloquios de sua alma, não revela unicamente as emoções ardorosas de entusiasmo das horas felizes, ou as angustias que ulceram os corações, a desesperança, que lhes apaga as aspirações de ventura e o deslumbramento da aureola da gloria.

Um livro é o producto do proprio meio social, onde o auctor nasceu, viveu e se educou. As idéas que adquiriu são forças da hereditariedade, as quaes lhe fôram transmittidas e, por sua vez, pretende transmittil-as a outrem.

Eis ahi porque, onde ha intensa cultura intellectual—litteraria, esthetica, moral e politica — o livro, reflectindo o pensamento geral, commum, interessa a todos. No trabalho individual, apparece a somma dos esforços collectivos. Assim que a sociedade fórma uma consciencia, uma vontade que se manifestam em cada um de nós. O auctor as reproduz no livro e a consciencia collectiva acceita e acolhe, como sua, a obra do escriptor e do poeta. As idéas, as aspirações, os sentimentos, o bem e o mal, ella os sente, convicta de que são seus.

Nesse meio social, o pensador, o escriptor, o artista e o poeta ou qualquer dos representantes do pensamento, são sempre bem-vindos e reputados incumbidos dessa missão, que o vulgo, alheio ás cogitações mentaes, não comprehende e menos poderia despenhal-a.

Nos paizes, porém, onde a cultura é escassa, a publicação dum livro não interessa a todos, não aviva a curiosidade, sinão de limitadissima e sollicita minoria.

Esse phenomeno social verificamol-o a cada momento entre nós; os livros nascem; não crescem, não medram; morrem quasi subitamente. O escriptor ou poeta, que sente tentações de escrever e publicar um livro, passa, primeiro, por hesitações que o torturam.

Para que escrever e publicar volumes, que não encontrarão leitores? Elles passarão despercebidos. A pro-

pria critica, escarninha ou silenciosa, passa indifferente, sempre ancha de julgar as produções intellectuaes; muito fará si as olhar de soslaio. E seria uma grande ventura para o escriptor e poeta si ella lhe vibrasse, desdenhosamente, ligeiro latego...

Os transeuntes quedarão para mirar o fustigado, para esmerilhar si o golpe feriu em cheio, ou si apenas roçou a epiderme. Dahi rompem as murmuraciones, os motejos, os commentarios. Uns e outros disputam. Cada qual quer que prevaleça o seu juizo, como succede nas divergencias. Este opina que o golpe foi malevolo e injusto; que o livro tem alguma coisa soffrivel ou aproveitavel e boa. Aquelle afirma, ao contrario, que a critica mostrou-se benevola de mais, occupando-se de producção sáfata e ruim; parece ter querido dar-lhe importancia, chamando a attenção sobre ella.

Assim começa e trava-se, em derredor do livro, a disputa, que o salvará de morrer desconhecido.

O auctor do volume crê dever defender o *filho querido de suas entranhas*; então, apparece... Si fôr da bronzea tempera dum lord Byron, pulverizará os *criticos escossezes* e lhes arrebatará as palmas do triumpho. Si elle, porém, fôr um character calmo, uma natureza *inclinada mais á ternura que ao furor*, ha de contentar-se de lhe haver a critica lançado o nome ás lufadas das coleras e ao váe-vem da nomeada...

Pensarão assim todos que escrevem e publicam livros? Reputarão felicidade os arranhões das unhas dos criticos?

A mim me parece que não, mórmente os poetas. Mas, sem pretender discutir com elles, basta mostrar a realidade dos factos. Por maior que seja a obstinação do inspirado das musas, elle reconhecerá que a critica, injusta ou benevola, é de summa utilidade aos livros que se escrevem e se publicam.

Que cruel decepção para um auctor, que, cheio de fervor por suas produções, as publicando, vê que passam cobertas, não pelo desdém, mas por plumbea indifferença?

Aquelles que publicam livros, entre nós, conhecem essa historia intima da nossa vida social; não obstante conhecem-a, elles teem a audacia dos que não temem perigos; affrontam-no, fascinados pelo deslumbramento da gloria, que imaginam alcançar.

* *

Algumas destas reflexões pezaram-me no animo, recebendo os seguintes volumes, que, por benevolencia, me enviaram os auctores: *Pêchés de Feunesse, Des Agents Diplomatiques*, pelo dr. Raymundo de Sá Valle, consul

brazileiro em Barcelona; *Estudos e Escriptos* (Esboços e chronicas), pelo sr. Augusto Franco, impresso em Bello-Horizonte; *O Corsario*, poema de lord Byron, versão do barão de Paranapiacaba, em magnificos e esplendidos versos portuguezes; finalmente, um volume intitulado *Versos*, do dr. Affonso Costa, illustre deputado de Pernambuco.

Versos? Não pôde haver maior sim-pleza e modestia de titulo!...

Percorramos, rapidamente, as paginas do livrinho do poeta da Mauricea, que, semelhante á bella Veneza do Adriatico, embalando-se nas aguas, contempla a fronte coroada de luzeiros de gloria immortal, por heroicas façanhas, que temeram os batavos de Nassau e pelas luctas constantes em pró da causa da liberdade e da patria.

O dr. Affonso Costa é moço; está em plena quadra das phantasias d'alma; a natureza para elle é um perenne sorriso em roseos labios. Elle o diz:

Que importa que os sonhos não sejam reaes?
Na vida enganosa, que breve se passa,
Que importa que venha, tão cedo, acabar
Aquillo, que amaes!?

O sonho é fumaça?

Viver é sonhar!

Feliz o que vive, na terra, estes dias,
Tão celeres dias do mundo falaz,
Fruindo num sonho, venturas sem par,

Prazer, alegrias!

O sonho é fugaz?

Eu quero sonhar!...

E' uma alma fervida, que sente fundas emoções e as exprime em melodiosas estrophes e canta as alegrias que embellezam a manhã da existencia feliz. Em varias paginas do volume, nota-se como que um culto á phantasia; por exemplo, no Cravo (pag. 16) o trovador da Mauricea diz:

Então nessa hora de geral bonança,
Em que tudo transuda poesia,
No peito me viveu uma lembrança,
E minha alma nadou na phantasia.

.....

.....

Falei-te logo de amores

Nas delicias do valsar,

E da testa entre os fulgores,

Protestei sempre te amar;

Prendi-te a mão perfumosa,

Ouvi-te a vóz maviosa,

Num transporte de alegria,

Cantamos ternas balladas,

Em regiões encantadas

Nas azas na phantasia.

Em muitas peças da selecta collecção, o poeta tradúz seus sentimentos, e vê-se logo a paixão do lyrismo, viva e calida, na flôr, cujo aroma o delicia; no lume vivo da estrella, que o enleva; na

Curva do pé formosa e rara.
Que primoroso artista, o mais severo
Feliz fôra na terra se a imitára. . .

A mocidade é a phantasia impel-
lem-no a sonhar; a mocidade acende-
lhe a sede dos gosos; a phantasia re-
veste de encantos a natureza; mostra-
lhe a vida, como um sonho em que
sorri o prazer e canta a alegria. . . e o
poeta exclama jubiloso:

O sonho é fugaz?
Eu quero sonhar! . . .

A terra, onde o dr. A. Costa nas-
ceu, exerce naturalmente nimio in-
fluo nas inspirações, que lhe lançam
n'alma as harmonias, e lhe inflama-
m a phantasia.

Das cumiadas da solitaria Olinda,
elle vê estender-se dum lado a cidade,
illuminada pelo clarão do heroismo
das gerações extinctas; de outro lado,
as longinquoas montanhas, que lhe fe-
cham os horizontes; em frente, o mar
— terrível como a bravura dos guer-
reiros Guararapes.

Essa natureza anima o genio do
poeta, que com ella se identifica. Pos-
sue uma eloquencia seductora, que
convence, domina e simultaneamente
avigora, eleva e engrandece aquelle
que a contempla. E si o espirito fôr
dum pintor, o pintor traçará na téla
esplendida paizagem; si de estatuário,
o escopro tallará do marmore maravi-
lhosa estatua; si de musico, lhe ver-
terá na *partitura* sublimes harmonias;
si de poeta, estrophes de dulcisonos
versos.

O poeta, o pintor, o artista tem a
imagem da belleza da natura ante os
olhos; agitados pelo sopro da inspira-
ção traduzem-na em suas obras com
graça e magica expressão.

E' nesse meio, duma natureza encan-
tadora, que o auctor do volume intitu-
lado *Versos* hauriu as inspirações que
verte na melodia de seus versos.

Todas essas intelligencias privile-
giadas de que fallamos, teem, no poder
de suas faculdades o dom de fazer
saír de si proprio tudo que sentiram e
pensaram, e infundir em suas obras.
O pintor desenhando no quadro; o
musico formando a *partitura*; o esta-
tuário cortando a pedra; o poeta im-
primindo na versificação até o derrai-
do gemido, na hora saudosa da
viração, em que esmorece e apaga o
crepusculo vespertino.

São todos artistas; teem a preroga-
tiva de traduzir as maravilhas da
natureza e de transmittil-as a nós ou-
tros que não aquinhoamos do mesmo
beneficio. Mas que o colorido dum ou
a harmonia do outro não nos venham
suggerir sómente aquillo que viram;
urge, antes de tudo, que nos dêem, do
vivo, o espectuaculo que contemplam-
ram; que, pelas suas obras, nos fa-

çam sentir e pensar, como sentiram e
pensaram; que abram em nossas al-
mas as emoções estheticas, de que a
natureza é prodiga para aquelles que
procuram amal-a.

E' essa a omnipotencia do genio, do
poeta e dos demais artistas. Elles pô-
dem, como o heróe da lenda biblica,
fazer jorrar em nós a fonte do prazer
esthetico. . . O poeta nos dará os ful-
gores de sua phantasia; o pintor os
esplendidos contornos das paizagens;
o estatuário converterá a pedra bruta
e fria em figura humana, quasi ani-
mada, a quem se possa bradar, como
o insigne Buonarrotti: *parla!*

As obras destes inspirados nos com-
municarão, pelo menos, uma idéa que
não tínhamos; nos despertarão senti-
mento novo até então incognito; en-
fim, nos farão conhecer que adquirimos
alguma coisa que ignoravamos; al-
guma coisa que nos vem opulentar o
espirito.

Nós, que não sentimos perpassar
por nossas almas o halito caloroso e
vivificante da inspiração e que não so-
mos eguaes aos privilegiados, sabe-
mos, todavia, comprehendel-os e amal-os
com idolatria e com elles fraterni-
zamos.

Não dizemos coisas estranhas,
não. . . Aquelles que cultivam as litte-
raturas e as artes, sem duvida affir-
marão que é um phenomeno social
que não se reconhece por falta de
observação, porém que existe e se ma-
nifesta como existem a *sympathia*, a
amizade, a admiração e o odio. . . phe-
nomenos sociaes bem conhecidos.

A este proposito, pondera um illus-
tre sociologo: *«il existe une ordre con-
sidérable de faits sociaux, souvent de-
laissés par les sociologues, mais déjà
bien étudiés par des philosophes et des
savants, qui parfois ne se savent pas
sociologues; c'est la communication des
idées et des sentiments»*.

Nos sociedades civilisadas este phe-
nomeno é visível, quasi tangível. Nas
sociedades incultas apparecem ainda
em embryão: estas sociedades, quasi
primitivas, teem poetas e artistas que
são comprehendidos, applaudidos,
com elles fraternizam todos.

Em nossas tribus aborigenes, selva-
gens, por exemplo, o *pagé* era escu-
tado, merecia veneração geral e toda
a tribu o admirava e amava. O *pagé*
inspirado recebera o dom divino e,
como todos não eram *pagés*, só elle, á
maneira dos nossos poetas e artistas,
era o guia, o iniciador dos sentimen-
tos e das idéas que os cerebros enri-
quecem; todos o comprehendiam.

O amor do bello, o culto da natu-
reza, a supremacia dos poetas e artis-
tas é um phenomeno social que existe
até nas sociedades primitivas e desen-
volve-se á medida que a cultura intel-
lectual se generaliza. E' uma verda-

deira lei sociologica, um facto inhe-
rente a toda fórma social, facto con-
stante, permanente, coexistente com o
homem por toda a parte e em todos os
tempos. Não é uma simples lei empí-
rica; pelo contrario, é lei necessaria,
absoluta, derivada da natureza moral.

O auctor do volume de *Versos*, dos
quaes nos occupamos nesta simples
noticia, é da classe dos inspirados;
poeta lyrico, elle pede suas inspira-
ções ao seu proprio genio. Não bebe, á
maneira dos vates antigos, as aguas
da Castalia. A sua fonte inexhaurível,
elle a tem nas emoções da sensibili-
dade, nos surtos do pensamento e, so-
bretudo nos sonhos deliciosos, fuga-
zes de uma phantasia que não se em-
bebe nas profundezas das coleras hu-
manas, como a de Byron; nas triste-
zas da meditação affectiva, qual a de
Lamartine. . . Sua musa prefere os
sorrisos ás lagrimas; aos lamentos os
beijos, em que as almas se fundem
como confessa na poesia *Um só*.

Ouçamol-o:

—E' noite. Em torno a nós tudo dormiça
Na solidão infinda
A negra treva estende-se infinita:
E velamos ainda!

Vem cá, ó Marieta, dá-me um beijo;
Olha não tenhas medo;
Das estrellas na face não ha pejo,
E o vento é mudo e quedo.»

—«Jámais! . . . —tremula, diz—isso é peccado;
Si é muda a natureza, o céu não dorme;
E quem sabe? . . . zangado,
Talvez condemne esse peccado enorme.»

—Não temas, Marieta, em mim confia;
Um beijo não agrava.
Jesus, quando no mundo, não beijava
Pura, innocente, a face de Maria?»

—«Pois bem; mas seja um só e puro.
Sem dólo e sem malicia
Para não ser peccado tal caricia!»

.....
—«Pois, sim, será—eu juro.»

A poesia que exprime a vida intima
é sempre original, porque o senti-
mento varia de individuo a individuo;
cada um sente, a seu modo, embóra o
phenomeno psychico seja da mesma
natureza e a sensação sempre fatal.

O poeta da Mauricea fórma da vida
um idéal seu, exclusivo — *Viver é son-
har*. . . Os sonhos lhe alimentam a
existencia, e a phantasia doira-lhe os
sonhos e lhe tráz, mesmo acordado, as
visões que lhe espargem, das flôres
as fragrancias; da poesia as harmo-
nias; dos mulheres os sorrisos, os bei-
jos, os olhares, que fascinam e tam-
bem queimam o sangue e dão, segundo
disse um admiravel cantor:

Morte, morte d'amor, melhor que a vida...

Não importa que o poeta nos diga
o contrario, numa fina zombaria, na
pagina 27 do volume:

Eu tenho amores estranhos,
Amores, que não me matam,
De bellos olhos castanhos,
Amores, que me arrebatam.

O seu verdadeiro pensamento reapparece na pagina 38 :

A vida sem amor é negra e feia,
Terrível noite de medonhas sombras,
Noite polar, de duração eterna,
Sem uma estrella, que illumine a senda,
Sem luz amiga, que nos guie o passo
Na vereda escabrosa da existencia.

E termina desta sorte :

Coração sem amor é negra tumba,
No deserto perdida entre fraguados,
Onde a vida e prazer é tudo cinza.

O dr. Affonso Costa, formando da vida humana aquelle idéal, não é da raça dos Jeremias românticos, que, em certa phase do século XIX, invadiram a litteratura, convertendo-a num hospital de miseros enfermos gemebundos e agonisantes, onde os hymnos se arrematavam em doloroso estertor de moribundos.

Tivemos, no Brazil, um illustre e afamado representante desta escola litteraria no auctor dos *Suspiros Poeticos*.

A litteratura do romantismo, que Chateaubriand iniciou na França, já era da moda na douta Alemanha. Os dois Schlegel haviam-na preconizado; formavam-se grupos de românticos; a escola de Souabe florescia; já era facto consummado o periodo revolucionario da innovação, depois do *Sturm und Drang*; Goethe e Schiller imperavam, como soberanos absolutos. Na Inglaterra, o movimento começara, e o grupo dos LAKISTAS, a cuja frente marchavam Southey, Wordsworth, Coleridge, etc. etc., teve de ceder á supremacia de lord Byron, que, em todas as litteraturas, dominou. O romantismo, desta guiza, foi a principal escola litteraria do seculo até que o realismo e o naturalismo conseguiram fazer profunda reacção.

Que escola domina hoje? Eis uma interrogação que parece irrespondivel.

Vemos ainda o classicismo, romantismo, idealismo, realismo, naturalismo, symbolismo e novos tentamens de creações de outras escolas, que um mestre competente julga difficil.

Que, de notre temps, se fonde quelque nouvelle école, c'est ce qui paraît bien peu vraisemblable. Ne le regrettons pas. Grâce à l'école classique, on a fait cent cinquante ans la même tragédie; grâce à l'école parnassienne, on a fait trente ans les mêmes alexandrins; grâce à l'école naturaliste on a fait vingt ans le même roman. Une école ne se constitue que par l'étroitesse de sa formule, par ce qu'elle a d'exclusif et d'oppressif non par ses affirmations, mais par ses negations.

Sob o ponto de vista de escola, pôde-se mesmo afirmar que o auctor do volume intitulado — *Versos* — não pertence a nenhuma dellas. E não era possivel pertencesse a escolas, que teem uma doutrina e regra estabelecidas. O dr. Affonso Costa professa outra fé, segue outro rito; acreditando que *viver é sonhar*, necessariamente quer ter liberdade, porque os sonhos da phantasia não se submettem a nenhuma disciplina, não se escravizam.

Viver é sonhar; por consequencia, o poeta tem nessa idéa a indole de suas inspirações. Elle uza amplamente da liberdade, dando ás inspirações, que lhe vêem da natureza e ás creações que lhe saem de sua phantasia; dando ás mobilidades de suas sensações fugazes ou profundas, uma expressão adequada em metrificacão cadenciosa, em que a alma do poeta se revele nas ledices das horas serenas entre um só beijo de Marieta e o *perfume duns cabellos negros, que amor inspira e amor namora*. (pag. 31 do vol.)

Nas variadas peças do volume, vêem-se umas rapidas; outras, porém, estão mostrando que o autor possui não só brilhante e fecundo talento como as energias e abundancias de emoções para composições de longo folego, taes quaes a *Tragedia Christã*, que encerra uma successão de quadros, e outras que se notam pelo flammejante colorido das imagens, pela vivaz e cadenciosa vibração das estrophes.

O vate pernambucano manifesta exuberante predilecção pelos passaros e pelas flôres.

O lyrio, por exemplo, e a rosa lhe inspiraram harmoniosas estrophes, que me despertaram, na memoria adormecida, uma breve *siciliana*, poesia do poeta allemão Ruckart :

Die Nachtigall ruft mit Gekose : Rosel
Wo bist du ? was dich meinen Gruss entzi,
[ehst du ?
Der Zephyr seufzend haucht in Moose: Rose
Wo bist du ? etc., etc.

... ..

«O roxinol chama com vóz carinhosa:
Rosa; onde estás tu? Porque me evitas? O zephiro balbucia e suspira pela hervagem: Rosa! Onde estás? Por que foges aos meus beijos? A fonte, que jorra, com suave murmúrio, entre verduras: fugaz Rosa! onde estás? Porqua te vás mirar noutro espelho?
Todas as flôres chamam-te Rosa!
Rosa! Onde estás? Rainha nossa, onde te escondes?»

E' com esse mesmo carinho e suavidade, com egual effusão de sensibilidade eternecida que o bardo da Mauricea fala :

Branco lyrio, eu te confesso,
E's minha flôr preferida,
Teu perfume me convida

A doce meditação,
O' flôr gentil e mimosa!

.....
.....
Tenho ouvido e lido muitas eruditas dissertações a respeito da missão da critica, cujos methods não me são estranhos. Noto, porém, que cada critico os emprega segundo o assumpto e guiado pelo seu temperamento e criterio, desde Laharpe, Pope, Jonhson, Villemain, Nisard, S. Marc Girardin, G. Planche até Renau, Taine ou Hennequin, etc.

Ora, no exame das producções de artistas e poetas, a critica deve resumir-se em apreciar-lhes a elevação e fecundidade do pensamento. Os grammaticos e zoilos exercem-na de outro modo; são como os verdugos — implacaveis!

A despeito da crueza, não impediram que Lamartine e Alfredo de Musset sejam ainda, e continuarão a ser, dois astros na litteratura franceza.

Chateaubriand dizia: *fazei a critica das bellezas e não a dos defeitos*.

Mostráe-nos antes, nos paineis, os traços fulgurantes do pintor, do que os obscuros.

Indicáe-nos a suavidade da poesia e, si vos fôr possivel, prenetráe nas dobras occultas da consciencia do poeta; interpretáe os sentimentos; comprehendei o genio e mostráe-o na grandeza de suas inspirações, traduzidas na expressão viva, eloquente, de suas harmonias.

EUNAPIO DEIRÓ.

PAGINAS ESQUECIDAS

A CIDADE DA LUZ

Vós que buscais a senda da esperanza,
Entraí: aqui ha mundos luminosos
Num céo que a mão, por mais pequena, al-
[cança.

A alma aqui se refaz de ethereos gozos;
Vindes para o paiz da primavera,
Vós, que deixais os mundos tenebrosos.

Tanta luz aqui dentro vos espera,
Que saíreis estrellas redivivas,
Como as que brilham na azulada esphera.

Almas, das trevas lugubres captivas,
Abri as vossas azas rutilantes
Entraí, bando de pombas fugitivas.

Nas curvas desses pórticos gigantes
Haveis de ler uma inscripção, que alente
Os vossos vãos inda vacillantes.

E' aqui o paiz do amor ardente.
Quem entra, leva um pezo aos pés atado,
Como o mergulhador do mar do Oriente,

Que sóbe á tona leve e festejado,
E vem de tantas perolas coberto,
Que nem se lembra de labor passado.

Para encravar um eden no deserto,
Fazer um sol de um monte de gradido,
E para ver melhor o céu de perto,

Encontrar uma escada no Infinito,
Entrar pela estellifera voragem,
Ser razão o fanal, verdade o mytho,

E armada de tenaz, feróz coragem,
Arrasando os enigmas da vida,
Cavar nas trevas lúcida passagem...

A isto esta cidade vos convida,
Entrai; por mais que a noite em vós se note
Tereis um astro á frente na saída.

Da cidade moderna é luz o mote,
Que na porta da entrada arde e flammeja,
Entrai! a escola é cathedral, egreja;
Hostia — sciencia: o mestre — sacerdote.

LUIZ DELFINO.

**

TER GÊNIO POR ESCRIPTURA PUBLICA

«A historia é a consciencia escripta da humanidade, disse um homem, que teve, quando luctava, o segredo das palavras que ficam.

Nós podemos pois dizer, comezinhoamente, que a historia dos Açores é a consciencia escripta dos Açores.

Ora succede que entre o passado governo de s. m. e o sr. Senna Freitas se trocou este contrato:

O paiz daria ao sr. Senna Freitas 600\$000 por anno, bom metal: por outro lado o sr. Senna Freitas encarregar-se-ia de pôr em lettra redonda, com boa orthographia, prosodia sã e pontuação certa, a dicta consciencia dos Açores.

Mal o contrato foi assignado, estalou sobre toda a linha de gazetas uma argumentação indignada. Accusava-se o ministro, escarnecia-se o contrato, extranhava-se o historiador, condemnava-se a historia — e os mais rudemente batidos eram os 600\$000 réis.

Como se diria na Biblia, o escandalo veiu pelos phariseus!

*

Pois bem, para este contrato, nós só temos benções e flôres. E a plebe irreflectida pôde ladrar em vão!

Ouvi cá, homens de estreita fé! Si o sr. Senna Freitas se tivesse decidido espontaneamente, gratuitamente a escrever a historia dos Açores, que garantia dava elle de fazer um trabalho

de poderosa critica? Que garantia dava de compor mesmo um livro minucioso, erudito, cheio de factos, benedictino? O sr. Freitas dava apenas a garantia de seu espirito. Mas ai! o espirito dormita, soffre obscurecimentos, caduca, — e ahi ficava estragada a historia dos nossos bem-amados Açores.

Ouvi mais! Si o sr. Senna Freitas tivesse sido encarregado por este decreto: «Manda el-rei que o sr. Senna Freitas seja um grande historiador...» que garantias dava o sr. Senna Freitas de que havia de crear uma obra original e profunda? O sr. Freitas dava só a garantia de sua obediencia ao seu rei. Mas ai! ai! a obediencia aos reis pôde fazer concessões — ou piruetas. Que amanhã, *quod Deus avertat*, se proclamasse a Republica — e vós ficariéis sem historia e sem Freitas, ó Açores.

E agora respondi! Prêso por nm contrato, ligado por uma escriptura, não dá o sr. Senna Freitas a garantia suprema, a garantia da sua honra? Obrigou-se por um contrato a ser um grande historiador, tem portanto toda a sua dignidade empenhada em ser — um grande historiador!

Podia s. ex., por exemplo, não possuir outra aptidão senão escrever folhetins; podia não dispôr de critica, nem de methodo; podia não fazer idéa do que é a sciencia historica e a philosophia da historia; podia não ter elevação de pensamento, nem estudos especiaes; podia não ter estylo nem grammatica — embora! Estamos descaçados. S. ex. obrigou-se por um contrato a ser um grande historiador: s. ex. é um homem honrado; s. ex. será um historiador grande! Acreditamos em s. ex. Conhecemos s. ex. Se s. ex. houvesse contractado com o sr. Avila que seria, a 600\$000 réis por anno, um poeta maior que Victor Hugo, s. ex. (temos a inteira certeza) trabalharia, luctaria, compraria um dictionario de rimas, consultaria o sr. Vidal, mas seria nm poeta maior que Victor Hugo. Se s. ex. tivesse contractado ser um candieiro do Rocio s. ex. cumpriria com valor o seu contrato — e seria um nobre candieiro do Rocio!

*

Sua ex. contratou! A fé juridica não admitte conciliações. Sempre que-

reriamos ver agora que s. ex. se atrevesse a não ser um grande historiador! Em Portugal ha tribunaes. Nós seguiremos o trabalho de s. ex., pagina por pagina, e quando s. ex. não fôr admiravel, como critica, como sciencia, como forma, requeremos á Boa Hora: — «Que, em virtude do contrato de tantos de tal, seja o sr. Senna Freitas citado para, no prazo de vinte e quatro horas, ser sublime a paginas tantas da sua obra sobre os Açores!»

O contrato não foi escripto e registado para que os Açores tenham um historiador mediocre!

Sobre o sr. Senna Freitas pesa desde hoje a responsabilidade de ser sublime. S. ex. é um rapaz intelligente e espirituoso. Não basta, tem de ser um grande homem! Contratou para isso, tem de o ser! Cara alegre e espirito desafogado! E' para alli!

Ah! queria talvez ganhar 600\$000 réis e não ter o trabalho de ser um historiador como Michelet! Ha de sel-o! Já não lhe é permittida a obscuridade, nem a mediocridade! Queira ou não, tem forçosamente de ser um genio! Nem uma só vez mais na vida lhe é concedido o dôce desafôgo de não ter grammatica! Ha de ser maior que Guizot, arranje as cousas como quizer! E se recuar, se se eximir, se hesitar, a Boa Hora lá está que, de contrato em punho, e brandindo as contas do processo, o obrigará á fôrça — a ser um homem immortal!

Em Portugal só assim se podem alcançar grandes homens! E' obrigal-os por um contrato. Ah! se o governo tivesse contractado com o senhor A que elle fôsse, a tanto por mez, um dramaturgo maior que Shakspeare, — não teria o paiz a vergonha de confessar que sr. A é um dramaturgo inferior a Guilbert de Pixerecourt! Se o governo tivesse contractado com o senhor B, que elle fôsse um homem de Estado como Pitt — não passava a patria pelo vexame de ver que o senhor B é, como politico, ainda inferior a Sancho Pansa, rei de Baratharia! Que significa, num paiz culto, abandonar assim os homens á sua iniciativa? Que intento é este de deixar a cada nm a liberdade de ser mediocre? O portuguez só poderá ser intelligente obrigado por um contrato forçado pelos tremendos laços da lei, amarrado de pés e mãos!

Que o talento seja imposto como o serviço militar! Recrutem-se soldados para caçadores 5, mas recrutem-se também genios para Villa Nova de Gaya! Porque não temos um poeta épico? Que faz o governo? Quer desleixar a epopéa, como desleixa a fazenda? A patria precisa de grandes homens — fulminem-se penas severissimas a quem não fôr grande homem!

E' forçoso confessal-o! O paiz está embrutecido, mas a culpa vem dos poderes publicos. Que se decrete que todo o cidadão válido deve ao seu paiz além da decima — um soneto! Que todo aquelle que tenha de mostrar documentos, seja adstricto a apresentar, além da *resalva* e da *folha corrida* — um artigo de almanach! Haja o genio obrigatorio! E o paiz florescerá e poderemos definitivamente esperar que em Matto Grosso comece emfim a fazer impressão — a grande civilização lusitana!

EÇA DE QUEIROZ.

O ALMIRANTE (89)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXIX

A absurda situação se normalizára pouco a pouco, disfarçada sob apparencias de bem estar tranquillo, como convinha a um casal em que a grande differença de idade impunha certa sobriedade de maneiras, um trato affectuoso consolidado em habito, amenizado em cortezia, pela reciproca delicadeza dos dois esposos. Todo o suave esforço de Oscar, todos os estratagemas suggeridos pela paixão, encontraram sempre a mais irreductivel resistencia, um obstaculo frio, calmo, contra o qual se esbarravam as suas esperanças. Temendo o ridiculo das expansões do ardente amor que o devorava em contraste com os seus cabellos brancos, Oscar appellára para os effeitos da convivencia forrada de ternura resignada, de dedicação que attingia o extremo de um captiveiro feito de obediencia, de fidelidade, de abnegação. Mas Hortencia não se arredava da sua linha de conducta, de submissão inflexivel, ritribuindo sem constrangimento todas as attentões, todas as manifestações galantes do marido.

Restituído completamente á saúde, Oscar, no seu primeiro passeio pelo parque, encontrou Sebastião a capinar tranquillamente a relva nas cercanias

do Paraiso, o sitio adusto transformado em brenha.

— Louvado seja Dens — exclamou elle, tirando o chapéo — Muito me alegra vel-o são como um pêro.

— Obrigado, Sebastião, — respondeu Oscar, sorrindo — Ainda não fui desta.

— V. ex. tem a pelle rija, Olhe que esteve por um triz. Ah, sr. almirante; onde está a mulher está o perigo. Eu que o diga.. Si não fôsse aquella maldita creatura, eu não andaria como quem está morto por dentro..

— Continúas então a soffrer os tormentos da ingratição?

— Ah, meu rico senhor, isto não me larga... Aquella desalmada ha de dar cabo de mim...

Sebastião, num gesto de desalento, limpou o suor da frente e continuou a trabalhar, murmurando phrases desconjunctadas de increpação á ingrata que viera amargar a sua existencia, resistindo ás suas supplicas, aos reiterados pedidos de deixar a vida má que levava e unir-se com elle pelo casamento. Elle esqueceria tudo; perdoar-lhe-ia todas as negras acções, com tanto que a visse ao seu lado, alli, entre gente honesta, ajudando-o no serviço de uma casa que não era de patrões mas de paes.

Oscar escutava numa concentração de funda tristeza as lamentações do pobre Sebastião, aquella série ininterrupta de gemidos a irromper do rude coração macerado no desconsolo de um amor não retribuido, emquanto o ruido da enchada, mordendo a terra humida, arrancando-lho bocados de relva, se harmoniza com o rumor lamure da fonte que o abandono não conseguira estancar.

Mais adeante, avistou Hortencia, que volvia do palacio pela sombria avenida das jaqueiras, acompanhada pela marquezia.

— Que feliz encontro — disse esta — Convidei Hortencia para darmos um passeio pela chacara, que ha muito tempo não percorro. Queres vir conosco?

— Com muito prazer, minha querida.

E os tres continuaram, em lenta marcha, a excursão sob as copadas arvores rutilantes de sol matutino, desviando-se para o lado opposto ao Paraiso, cuja aproximação a marquezia evitava. Perto dos contrafortes de rochas que apoiavam a base da montanha, estavam as cavallariças. Um mulato jovem, musculoso, mantinha, junto de um grande tanque, a transbordar d'agua, a parelha de alazões ardegos, cuja impetuosidade tinha occasionado o desastre de que Oscar fôra victima.

— Que bellos animaes! — disse Oscar,

— Quando penso que elles quasi te mataram — ponderou a marquezia — tenho vontade de vendel-os...

— Não tiveram culpa — replicou elle, approximando-se dos corceis, que se empinavam soffregos, refreados pelos grossos cabrestos de cabos de linho.

— A culpa foi minha — concluiu Hortencia, estremecendo de commoção, como si no seu espirito conturbado se renovasse a visão da scena do desastre, os cavallos empinados sobre a grota, Oscar atirado da boléa sobre as aguçadas lanças dos bambús partidos.

— Havemos de repetir essa aventura — disse Oscar, sorrindo para atenuar a dolorosa impressão de Hortencia.

— Nunca, não consinto — interrompeu a marquezia.

— Accidentes daquella ordem não occorrem todos os dias. Além disso, é muito natural, muito humano, que deseje ver aquelle sitio, onde escapei da morte e despertou em mim um grande amor á vida. Sem aquelle accidente, minha querida Hortencia, eu continuava a fluctuar neste, mundo, sem aspirações, sem idéal; sem ambições; não terias tu revelado essa dedicação carinhosa que me salvou o corpo e a alma e me lançou no coração a semente desse amor...

— Oscar — murmurou Hortencia, juntando as mãos, num gesto de supplica.

— Sim, pôdes ir á Gavea — insistiu a marquezia — quantas vezes quizeres noutra carruagem puchada por outros cavallos. Com estes não consinto: são umas fêras. Vês?...

Os cavallos arremettiam relinchando para se libertarem das mãos do robusto rapaz, que empregava esforços herculeos para contel-os, quando elles avançavam, aos corcovos, desesperados, para o lado de Hortencia e Oscar. A marquezia se afastára aterrorisada.

— Não tenha receio — disse Oscar, indo ao encontro dos cavallos, approximando-se delles com maneiras brandas e calmas — Elles me conhecem. São ardegos, são inquietos, mas são excellentes animaes. Veja..

Como si o reconhecessem, os cavallos se aquietaram, agitaram as cabeças, aspiraram ar a longos haustos, bufaram e estacaram nas pernas de musculos salientes e se contorceram como serpentes sob o involucro da pelle, reluzente de suor. Oscar bateulhes no pescoço, passou-lhes as mãos pelas ancas e falou-lhes palavras de caricia.

— Aqui estão as fêras — continuou Oscar, dirigindo-se á marquezia — São mansas como cordeiros. Os irracio-

nass, como os homens, teem impetos, teem momentos de excitação; mas não são recalcitrantes aos carinhos. Uma palavra de amor supera todas as violencias.

Quando se viu a sós com Hortencia, Oscar insistiu no projecto do passeio á Gavea para apagar da memoria da esposa a impressão de terror que lhe deixára o accidente, para lhe demonstrar que lhe não restava sombra de resentimento pelo perigo que corraera ou que não o imputára á imprudencia de que ella insistentemente se julgava culpada, toda a vez que o caso era rememorado.

—Será uma bella aventura—dizia-lhe Oscar—Um dia destes, illudiremos a vigilancia da marquezia, iremos, como dois namorados, gozar o espectáculo da paisagem, o conforto suavissimo da floresta; ouviremos o murmurio do mar distante, a voz do mar amigo de que tenho saudades, essa voz poderosa e meiga que te despertará, talvez, o coração, adormecido, surdo ao meu immenso affecto.

(Continúa).

A dictadura republicana e o Governo brazileiro

Os espiritos, emancipados de toda idéa theologico-metaphysica e animados por um verdadeiro ardor social, que se preocuparem com os problemas politicos da situação moderna do Occidente, certo não hesitarão em se convencer das tres regras fundametaes com que Augusto Comte resumiu as medidas necessarias ao momento presente para regular-lhe a direcção politica, preambulo de uma completa e definitiva reorganisação social.

Pódem ser fórmulados de um modo geral, segundo os enunciados relativos ao caso particular do povo francez.

1.º *O Governo deve ser republicano e não monarchico;*

2.º *A Republica deve ser dictatorial e não parlamentar.*

3.º *A dictadura deve ser temporal e não espiritual.*

Estas regras não são simples fórmulas convencionaes, mas deducções logicas das leis da historia.

De facto, desde os fins do seculo XIII, a sociedade occidental, que era então dominada, espiritalmente, pelo Papado e, politicamente, pelo Feudalismo, onde dominava, tanto quanto o permittia o theologismo monotheico, a independencia entre o poder moral e occidental do Catholicismo e a força material e local do governo feudal, começou a dissolver-se segundo uma dupla corrente de desagregação. Primeiro, foi a lucta entre a auctoridade

espiritual dos Papas e o poder temporal dos Reis; depois, a lucta entre a força local da Nobreza e a auctoridade central da Realeza.

Dessa dupla contenda resultou, por um lado, a victoria da Realeza sobre o Papado; por outro, a victoria dos Reis sobre os Nobres e vice-versa; aquelle determinou a formação das egrejas nacionaes e a ultima, a constituição de fortes governos politicos, as dictaduras monarchicas ou aristocraticas, conforme coube ao Rei ou ao Nobre o triumpho decisivo. Este ultimo é o caso excepcional, cujo typo é a Inglaterra; o facto normal foi a victoria do poder central dos Reis. Toda esta evolução realizou-se em dois seculos, o XIV e o XV.

Além disso, o escravo antigo, que a civilisação catholica feudal transformára em servo e libertára emfim, se ia tornando a grande massa proletaria, tendendo, com a mulher, domesticamente emancipada, a uma definitiva incorporação social. Nascia o Povo aspirando a suas justas prerogativas e consagrando-se ao desenvolvimento das artes da paz que vinham substituindo a actividade guerreira. Dissolvia-se o regimen da civilisação medieva e elaboravam-se os elementos de uma nova ordem. A Humanidade continuava a evoluir sem romper com a Edade Média, como ainda proclama o vulgo dos historiadores, mas havia a apparencia de uma resurreição da intelligencia e da actividade, que os tempos medievos admiravelmente consagraram ao serviço exclusivo da moral humana. A Renascença iniciára o movimento de reconstrução da era moderna, assignalava a desorganisação da sociedade catholica e feudal.

A este primeiro estadio da historia moderna, segue-se a Refórma destruindo o dogma catholico e accentuando ainda os resultados da evolução anterior. Os papas se subordinam cada vez mais aos reis e a Nobreza é totalmente annullada. O povo cresce apesar de se achar ainda sob os restos do regimen feudal. O imposto, a correia e o dizimo submettem-no á tyrania do rei, do nobre e do padre, desde que os violadores monarchicos se tornam retrogradados. Desenvolvem-se as perseguições religiosas. Como a fé dissolvida não se póde mais impôr persuadindo e convencendo, os seus orgãos degenerados pretendem impol-a pela força. Catholicos e protestantes massacram-se e massacram em nome das crenças que defendem. As almas superiores, que continuam a elaboração scientifico-philosophica da antiguidade, apenas accrescida pelas aquisições do genio arabe, e que se vão emancipando da theologia catholico-protestante, são victimas da intolerancia dos fanaticos, soffrem o marty-

rio dos inquisidores, que, em nome do catholicismo, arrancam de Galileu uma retractação humilhante e, em nome do protestantismo, sacrificam Lewel. A liberdade de consciencia, que a Refórma proclamava, tinha limites; não podia passar além da Biblia; de modo que a intolerancia doutrinnaria, si era completa na reacção do catholicismo decadente, existia tambem no seu fragmento reformado. Entretanto, o protestantismo assignalou o primeiro passo para a independencia espiritual e permittiu o esforço das mais profundas cogitações scientificas e philosophicas que prepararam o seculo dos encyclopedistas.

Mais dois seculos decorridos, o XVI e o XVII; no ultimo quarto deste, annuncia-se a terceira e ultima phase do movimento moderno: é a Revolução propriamente dita. Elimina-se completamente toda concepção theologica; apenas resta nas almas uma vaga fé em Deus. Accentúa-se a concentração do poder temporal, tornado retrogrado desde que Luiz XIX, com a morte de Colbert, revoga o edito de Nantes, e os padres, mais unidos aos reis, alliam-se para uma oppressão commum contra a sociedade nova que surgia. Era esta o *Terceiro Estado*, que se vinha formando desde a edade-média. O trabalhador, especialmente urbano, a classe proletaria, emfim, estava arregimentada; seus sentimentos e idéas não permittiram por mais tempo supportar o regimen oppressor que se ostentava no Occidente, particularmente em França, em Paris, a incomparavel cidade, a quem cabe, desde o fim da edade-média, o governo espiritual do mundo. E' então que rebenta a grande crise de 1789, assignalando o desfecho da revolução moderna e o inicio da completa regeneração humana.

Toda a evolução anterior resume-se empiricamente nesse tragico mas sublime espectáculo da *Revolução Franceza*, condensada politicamente na figura extraordinaria de Danton.

A liberdade de consciencia, mal esboçada pela Refórma, é proclamada em toda a sua generalidade.

A dictadura dantoniana mantém a centralisação do governo real, mas se torna republicana, abolindo a realeza e incorporando a evolução popular.

A Revolução Franceza confirma assim espontaneamente toda a evolução do passado occidental: liberdade espiritual, centralisação temporal (dictadura) e incorporação popular (republica).

Conciliar os sentimentos normaes desta evolução era a regra a fórmular depois da demonstração da lei historica. Foi o que fez Augusto Comte, instituindo a *Dictadura Republicana*, que é a expressão systematica do go-

verno esboçado espontaneamente pela immortal *Convenção*.

No momento presente, ninguém desconhece, pelo menos todos sentem, que não ha uniformidade de crenças e sentimentos. No proprio seio dos que se dizem catholicos, ha divergencias flagrantes; de modo que o character da consciencia contemporanea é a multiplicidade confusa das theorias, particularmente das idéas politicas e moraes. Póde-se dizer que neste dominio cada homem tem uma opinião especial, de sorte que, uma vez no governo, si quizer impôr a sua crença aos governados, transforma-se em tyranno fazendo o povo servil si elle accéita a oppressão, ou martyr e rebelde si reage passiva ou activamente contra ella.

Si a situação social é esta, como ninguém sinceramente póde contestar, o unico meio de evitar as tyrannias e as sedições, o servilismo ou o martyrio, é praticar a regra politica fundamental que a sociologia ensina pelo genio universal de Augusto Comte: ESTABELECEER LEGALMENTE A PLENA LIBERDADE ESPIRITUAL, de modo que a força material assista impassivel á lucta das crenças e opiniões, donde fatalmente ha de surgir a verdadeira doutrina politica e moral, como todas as verdadeiras doutrinas teem surgido. E essa liberdade não se deve limitar ao dogma theologico mas tambem aos dogmas metaphysicos e scientificos. E' tão immoral e irracional obrigar a crer em Deus como no ether ou na gravitação universal. E' tão tyrannico o governo que prestigia, que fortalece materialmente uma igreja theologica, como uma corporação metaphysica ou uma academia scientifica qualquer. A theologia, a metaphysica e a sciencia são do dominio da consciencia; triumpham, sempre que são opportunas, pela persuasão e pela convicção, independentemente do auxilio ou da resistencia da força material dos governos. A plena liberdade espirital, só por si, dará victoria ás crenças reaes eliminando as ficticias. Assim é que o dogma do movimento da Terra já triumphou sem se impôr pela força, e Deus foi eliminado dos melhores espiritos, apesar das perseguições e ameaças dos tyrannos de toda a especie, inquisidores catholicos, como Torquemada, inquisidores acatholicos, como Robespierre.

Com este criterio se devem não só deixar de impôr aos povos crenças theologicas mas, ainda, as varias doutrinas metaphysicas e scientificas.

Si é tyrannia sustentar pelo Estado os principios religiosos que propaga o sacerdocio catholico, ou outro qualquer, o é ainda manter professores apostolos do materialismo, do evolu-

cionismo, do monismo, do positivismo, ensinando nas escolas officiaes as idéas que pessoalmente accéitam e não teem o consenso unanime da sociedade. E é o mais infame, o mais execrando dos despotismos sujeitar pela força, ameaçando com multas, prisões e outros meios de coacção material os que reppellem dignamente as medidas perversas que, sob o pretexto do bem publico, suggerem aos governos, theoristas sem coração e sem saber, incorrigiveis hereges da virtude e da sciencia.

A *Convenção*, a magestosa assembléa dominada pelo genio de Danton, com um profundo e admiravel sentimento das verdades sociologicas, que ainda não estavam systematizadas, comprehendeu assim o dogma eterno, o dogma bemdito da plena liberdade espirital, quando, eliminando a theologia catholica que dominava com a realeza, eliminou tambem a Academia de Sciencias. E Augusto Comte, systematizou scientificamente o que fôra, de um modo empirico, esboçado pela sublime assembléa.

Com a plena liberdade espirital concorre um forte governo central. E' o resultado da victoria dos reis sobre os nobres, accentuada cada vez mais durante toda a revolução dos seis ultimos seculos. Mas, como o movimento republicano se accelera ao lado dessa victoria, caracterizado pela incorporação do povo á sociedade, o governo central tende para a situação republicana. Dahí, a dictadura com a republica e não com a realeza.

Assim, todos os esforços dos patriotas modernos do Occidente, que tratam de politica como o marujo de nautica, considerando a arte de governar os povos uma applicação systematica da sociologia, como a arte de governar os navios o é da astronomia, todos os esforços dos estadistas dignos desse nome devem concorrer para a installação nas patrias occidentaes do regimen politico fundado nesta triplice base:

- 1º—Liberdade espirital
- 2º—Concentração liberal
- 3º—Abolição da realeza,

donde resulta:

- 1º—Separação entre o Governo e o Sacerdocio (a separação da Igreja e Estado é apenas um caso particular.)
- 2º—Governo monocratico, ou dictatorial.
- 3º—Monocracia ou dictadura republicana.

E' o que ensina e demonstra a sciencia do passado. E' a regra politica, emanada da demonstração sociologica.

**

Com estas aspirações nasceu a Republica brasileira em 15 de novembro

de 1889. Seu fundador, o magnanimo Benjamin Constant, era um adepto da Religião da Humanidade; proclamava-se discipulo de Augusto Comte e, sejam quaes fôrem os seus erros politicos, o certo é que foi elle o primeiro estadista que se apresentou como libertado dos preconceitos revolucionarios do republicanismo democratico. Com Benjamin Constant, trabalhou nos primordios da organização republicana, quer no Governo Provisorio, quer na Constituinte, Demetrio Ribeiro, a cuja influencia directa o Brazil republicano deve as primeiras conquistas liberaes segundo as normas da politica scientifica. Ao benemerito patriota juntaram-se Annibal Falcão, Teixeira de Souza, Barbosa Lima, Julio de Castilho e outros espiritos guiados em diversos graus pelos ensinamentos de Augusto Comte, cuja doutrina integral, com maxima fidelidade, era propagada, como ainda hoje, pelo Apostolado Positivista do Brazil, desde 1881, sob a dupla direcção de dois eminentes patricios, os abnegados apostolos — Miguel Lemos e Teixeira Mendes.

Sob a influencia, francamente positivista, dos directores officiaes ou officiosos do momento, infelizmente perturbada pelos enxertos dos doutrinarios da metaphysica democratica, agiu o *Governo Provisorio*, e promulgou-se, afinal, a *Constituição* de 24 de fevereiro de 1891.

Sem incorporar todas as soluções que já comporta e então comportava a situação politica brasileira, a *Constituição federal* estabeleceu legalmente:

- 1º—O governo republicano federativo.
- 2º—O presidencialismo.
- 3º—A liberdade profissional.
- 4º—A separação da Igreja do Estado.
- 5º—A secularisação dos cemiterios.
- 6º—A plena liberdade de imprensa.
- 7º—O casamento civil, etc., etc.

Assim foi satisfeita toda a primeira parte do programma politico do nosso tempo (liberdade espirital); incompletamente a segunda, pois o regimen francamente dictatorial foi substituido pelo chamado *presidencialismo*, mantendo-se a ficção do tres poderes, executivo, legislativo e judiciario; e toda a ultima parte, pela abolição radical da monarchia.

Com essas conquistas, firmadas na lei constitucional, a patria brasileira hasteára no «auri-verde pendão» a legenda caracteristica do primeiro grau da transição organica — *Ordem e Progresso*, a sublime aspiração de todos os corações patriotas, quaesquer que sejam os seus credos politicos e religiosos.

Inaugurava-se a existencia legal da Republica sob os melhores auspícios,

mas em breve o poder, caíndo exclusivamente na mão dos retrogradados e revolucionarios, monarchistas e democratas, determinou a situação actual em que a pratica politica rompe com as instituições republicanas, constitucionalmente incorporados no pacto de 24 de fevereiro.

Assim, ao § 5º do art. 72 da *Constituição Federal*, que dispõe: «*Os cemiterios terão character secular e serão administrados pela auctoridade municipal*, ficando livre a todos os cultos religiosos a pratica dos respectivos ritos em relação aos seus crentes, desde que não offendam a moral publica e as leis», contrapõe-se a manutenção escandalosa dos privilegios funerarios da Santa Casa de Misericórdia e outras confrarias clericas. Ao § 7º, que determina clara e precisamente: «*Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção official, nem terá relações de dependencia ou alliança com o Governo da União ou o dos Estados*», contrapõe-se — além de outras multiplicas infracções, quaes são: mandar celebrar exequias como si o catholicismo fôsse religião do Estado; tornar feriados os dias santos exclusivamente catholicos; sujeitar á benção da auctoridade catholica o lançamento da primeira pedra dos edificios publicos; intervir na criação do cardinalato brasileiro — o restabelecimento da legação do Brazil perante a Santa Sé. Aos §§ 11 e 17, que garantem a inviolabilidade do lar e a propriedade, corresponde a violencia das leis sanitarias e de desapropriação, sob pretexto de hygiene e utilidade publica. Ao § 22, que assegura o *habeas-corpus*, contrapõe-se ainda o despotismo sanitario, mantendo o *Codigo de Torturas*, apesar de revogado por um accordo do Supremo Tribunal Federal. Ao § 24, que estatúe positivamente — «*E' garantido o livre exercicio de qualquer profissão moral, intellectual e industrial*», oppõe-se a manutenção retrograda dos privilegios escolasticos e academicos, sustentando a injustiça de não privilegiar a theologia catholica, cuja moral ainda é guia das melhores almas femininas, e proteger-se a metaphysica e a sciencia dos bachareis e doutores, cuja competencia, como a do padre e a do industrial, deve ser aferida pela opinião publica, fundada no valor effectivo, independente de diplomas. Ao § 28, que declara terminantemente — «*Por motivo de crença ou de função religiosa, nenhum cidadão brasileiro poderá ser privado de seus direitos civis e politicos nem eximir-se do cumprimento de qualquer dever civico*», oppõe-se as multas e prisões estabelecidas no *Codigo Penal* e no *Codigo de Torturas* (Regulamento sanitario) contra os curandeiros, os espiritistas, as cartomantes e

outros crentes, e tambem contra todos os que não crêem nas theorias medicas da hygiene official. Ao art. 78 que prescreve — «*A especificação das garantias e direitos não enumerados, mas resultantes da forma de governo que ella estabelece e dos principios que consigna*», oppõem-se englobadamente todos os despotismos que teem profanado o regimen republicano e sobre os quaes prepondera, nestes ultimos annos, a maldita tyrannia sanitaria, que, de oppressão em oppressão, não trepidou em tentar a violação do proprio corpo do cidadão, creando a draconiana lei da vaccinação obrigatoria. Ao art. 80, que só auctoriza a *suspensão das garantias constitucionaes em caso de aggressão estrangeira, ou commoção intestinal*, oppõem-se os successivos estados de sitio, de que teem sido victima especialmente os proletarios, decretados quando nenhuma daquellas condições se verifica, como aconteceu a proposito do movimento de 14 de novembro de 1904.

Outros §§, outros arts. da Constituição republicana teem sido escandalosamente violados, mas basta a citação que fizemos para avaliar-se quanto os governos se teem afastado já das aspirações reaes da sociedade brasileira, já das normas legalmente estabelecidas pelos seus melhores orgãos.

A dictadura republicana, incompleta mas fundamentalmente instalada em 15 de novembro de 1889 e ainda incompleta mas legalmente constituída em 24 de fevereiro de 1891, está longe de ser entre nós uma realidade. Não é que o povo a repilla julgando levemente que dictadura é synonymo de despotismo, mas porque os varios cidadãos, a quem tem cabido a responsabilidade do Governo, afastam-se criminosamente do regimen constitucional, contribuindo consciente e inconscientemente para a desmoralisação da Republica.

Quando, porém, a sociedade brasileira conseguir que o Poder esteja nas mãos dos verdadeiros republicanos, amantes da ordem e do progresso, segundo os ensinamentos da politica scientifica, a situação legal será fatalmente mantida e só mudará para melhor harmonizal-a com a realidade, instituindo, em todos os seus detalhes, a verdadeira dictadura republicana.

Os que tal aspiram são desdenhosamente alcuuhados de visionarios e utopistas por aquelles que são desprovidos de fortes convicções scientificas no dominio politico e baldos de um verdadeiro ardor social. Mas a esses devemos lembrar que em todas as conquistas da Humanidade, e particularmente da nossa patria, os utopistas, os sonhadores de hoje são os triumphadores de amanhã, vivos ou mortos,

não importa! A Abolição e a Republica eram utopias para os escravocratas e monarchistas; e a Abolição e a Republica triumpharam. Tambem a dictadura republicana, caracterizada pela mais completa separação entre o poder material do Governo e a força moral do Sacerdocio, que é constituído actualmente pelos padres, medicos, scientistas, poetas, jornalistas, etc., todos directores espirituales dos varios grupos em que se decompõe intellectualmente a sociedade moderna, ha de constituir-se definitivamente, eliminando, enfim, todas as resistencias retrogradadas, quer dos monarchistas, quer dos democratas.

Por este futuro, que será bem proximo, si surgirem estadistas capazes, sem amaldiçoarmos o passado nem nos revoltarmos contra o presente, devemos todos trabalhar, os que ainda sonham não só o aperfeiçoamento da Patria mas tambem a regeneração total da Humanidade.

REIS CARVALHO.

A' REVISÃO do artigo do sr. Reis, escaparam alguns erros, entre os quaes corrigimos os mais importantes por alterarem profundamente o texto.

Onde se lê — *corveia* — leia-se *CORVEIA*; *violadores*, *DICTADORES*; *Lewel*, *SERVET*; *Luis XIX*, *LUIZ XIV*; *sentimentos*, *ELEMENTOS*.

EVOCACÃO

Noite de luar. Choveu. A terva cheira.
Domina a paz, calaram-se os rumores.
Lá do pomar a virgem laranjeira
Manda-me o olor nas suas castas flores.

Veste, a Lua, de branco os verdes montes,
De onde me vêem, em musica, pelo ar,
O ramalhar das arvores, das fontes
O longinquo e sonôro espadanar

D'aguas frescas. A natureza toda
Tem o aspecto amoroso e recatado
Duma virgem vestida para a boda
Duma noiva no dia do noivado.

Noite que inspira amor e pede gosos,
Em que, ao ar live, á sombra das ramadas,
Andam labios d'amantes amorosos
Beijos colhendo á bocca das amadas.

Noite d'amor e sonho, horas propicias
Aos devaneios e ás recordações;
Em que andam, tristes, a esmolar caricias,
Almas desamparadas ás legiões.

Noite em que o Poeta, soffredor, se abyama
Na pyra rubra da Tortura humana;
Noite em que o pensador, austero, scisma
Na Dôr, que as almas purifica e irmana.

Evoco-a, em sonhos cheios d'anciedade,
E Ella me surge, ardente de paixão,
Entre os nimbo violaceos da saudade
Que me aperta e me opprime o coração...

Petropolis—1906.

JOÃO DE DEUS FILHO.

XADREZ

TEICHMANN E CALDAS VIANNA

La Stratégie, noticiando a viagem de Teichmann á America e os seus successos em Buenos Aires, diz:

«Deixando Buenos Aires para vir tomar parte no torneio de Ostende, o sr. Teichmann deteve-se em Montevideo e no Rio de Janeiro. Nestas duas cidades, o acolhimento e o successo foram os mesmos que em Buenos Aires; todavia, no Rio de Janeiro encontrou um adversario que não pôde vencer: o dr. Caldas Vianna, campeão do Brazil, empatou duas partidas singulares, jogadas com o mestre e uma terceira ficou por acabar em uma posição igual; dirigimos-lhe as nossas sinceras felicitações.»

**

O XADREZ NO ESTRANGEIRO
Torneio de Ostende

Tres dos mestres inscriptos nesse torneio foram, á ultima hora, substituidos: Sherrard, morto subitamente; Bardeleben e Caro, de quem tomaram os logares Teichmann, de Londres, Oskam, de Amsterdam, e Sabouroff, de S. Petersburgo.

Ainda se deram modificações na organização das secções; em lugar de seis, formaram-se apenas quatro secções de nove concurrentes cada uma. Estas secções são emparelhadas duas a duas e todos os competidores de uma devem jogar uma partida com os da outra; os tres concurrentes de cada secção que tiverem menor numero de pontos são eliminados.

As secções ficaram assim compostas:

A — Balla, Bernstein, Blackburne, Burn, Duras, Gattie, Janowski, Leonhardt, Oskam.

B — Cohn, Fahrni, Forgacs (pseudonymo de Fleischmann), John, Johner, Marco, Maroczi, Rubenstein, Sabouroff.

C — Lewitt, Malioutine, Marshall, Mieses, dr. Perlis, Post, Spielmann, Suchting, Teichmann.

D — Reggio, Salve, Schlechter, Snosko-Borowski, Sournin, Swiderski, Taubenhau, Tschigorine, Wolf.

A jogou contra B e C contra D. E' o seguinte o resultado conhecido:

Secção A

Janowski.....	7	pontos (*)
Burn.....	7	»
Leonhardt.....	6	»
Bernstein.....	5 1/2	»
Blackburne.....	5 1/2	»
Balla.....	5	»
Duras.....	5	»
Oskam.....	2	»
Gattie.....	1	»

Secção B

Johner.....	6	»
Fahrni.....	5 1/2	»
Maroczi.....	5	» (**)
Rubenstein.....	5 1/2	»
John.....	4 1/2	»
Marco.....	3 1/2	»
Cohn.....	3	»
Forgacs.....	3	»
Sabouroff.....	0	»

Secção C

Dr. Perlis.....	6 1/2	pontos
Marshall.....	6	»
Teichmann.....	6	»
Mieses.....	5 1/2	»
Suchting.....	5	»
Spielmann.....	4 1/2	»
Post.....	4	»
Dr. Lewitt.....	3	»
Malioutine.....	3	»

Secção D

Schlechter.....	6	»
Snosko-Borowski....	6	»
Salve.....	5 1/2	»
Swiderski.....	4 1/2	»
Tschigorine.....	4	»
Taubenhau.....	3 1/2	»
Wolf.....	3 1/2	»
Sournin.....	2 1/2	»
Reggio.....	2	»

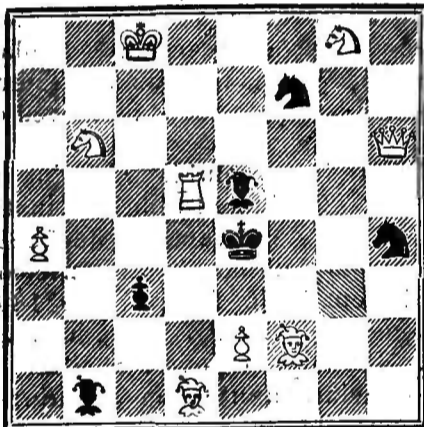
Fôram, pois, excluidos doze jogadores: Gattie, Oskam, Balla, Cohn, Forgacs, Sabouroff, dr. Lewitt, Malioutine, Post, Reggio, Sournin e Taubenhau, que distribuíram entre si 800 francos proporcionalmente ao numero de pontos obtidos.

Os 24 jogadores restantes começaram a 15 de junho a segunda etapa, dividida em 4 secções de 6.

**

PROBLEMA N. 56

Leprettel
PRETAS (6)



BRANCAS (9)

Mate em tres lances

Para este notavel problema chamamos a attenção dos amadores que ainda o não conhecem. E' rarissimo encontrar-se em tres lances problema de tal riqueza de variantes (10) e de tal correção e elegancia.

**

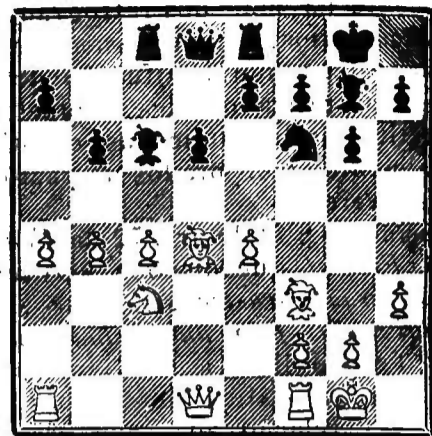
PARTIDA N. 62

(Jogada em Nova York em março de 1906)

DEFEZA SICILIANA

Brancas		Pretas
(Maroczi)		(Voigth)
P 4 R	— 1 —	P 4 B D
P 4 D	— 2 —	P X P
C 3 B R	— 3 —	P 3 C R
C X P	— 4 —	B 2 C R
P 4 B D (a)	— 5 —	C 3 B R
C 3 B D	— 6 —	P 3 D
B 2 R	— 7 —	Roque
B 3 R	— 8 —	B 2 D
Roque (b)	— 9 —	C 3 B D
P 3 T R	— 10 —	C X C
B X C	— 11 —	B 3 B D
B 3 B R	— 12 —	T 1 R
P 4 C D	— 13 —	P 3 C D
P 4 T D	— 14 —	T 1 B D

Depois do 14.º lance das Brancas



P 5 T D (c)	— 15 —	D 2 B D
P X P	— 16 —	P X P
T 6 T D	— 17 —	C 2 D
B X B	— 18 —	R X B
D 1 T D	— 19 —	C 4 R
T 7 T D	— 20 —	D 1 D
B 2 R	— 21 —	B 2 D
C 5 D	— 22 —	R 1 C
T 1 B D	— 23 —	P 3 R
C 3 R	— 24 —	P 4 T R (d)
P 5 C D	— 25 —	D 5 T R
T 1 D	— 26 —	D 5 B R (e)
P 3 C R	— 27 —	D 3 T R
T X P	— 28 —	abandonam

(a) Recommendei muito esta continuação; as Pretas desde muito não podem avançar P 4 D e a sua partida está muito constrangida.

(b) Provavelmente 9 — P 3 B R ainda seria mais forte.

(c) As Brancas jogam do lado da dama; no entanto, fazem um ataque indirecto sobre o Rei preto.

(d) Forçado; si 24... C 3 B D, estão simplesmente 25 — C 4 C R.

(e) A Dama não pôde tomar o P R por causa de T 4 D.

(Notas de Maroczi.)

**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 55 (F. Mendes de Moraes Filho): T 3 B D.

JOSÉ GETULIO.

(*) Falta uma partida.
(**) Idem.

AURAS

Si ouvires um dia
Nos echos da aragem
De dôr e agonia
Extranha linguagem,

Váe, beija a ramagem
Oh! doce Maria!
Pois sente a folhagem
A dôr que eu sentia.

São beijos saudosos,
De amores e gozos,
De dôr e tormento

Que vão procurando
Teus labios, voando
Nas azas do vento!

Julho—1906.

J. BENEDICTO COHEN.